

ANO XXXV  
NUMERO 26

Diretor :

SERGIO SILVA

Rio de Janeiro,  
28 de Junho  
de 1941



## INDECISÃO...

RECORDO, com saudade, todas as horas rutilantes do nosso amor. Todas as horas em que a senti mais perto de mim do que minha própria desventura. E quando meu espírito faz essa evocação, esqueço os instantes de amargura que tenho vivido na promessa inútil da esperança...

Considero-me feliz desde que a conheci. Você trouxe, para a minha vida, um sentido novo de consolação e de ternura. Na solidão do meu destino eu aguardava, insatisfeita, a sua fascinação. Sonhava com os seus olhos, em que encontro tanta melancolia e tanta docura. Sonhava com sua alegria matinal, que apenas disfarça a inquietação da sua angústia de mulher. Sonhava com sua inteligência, bem harmoniosa e bem feminina. Sonhava com seu orgulho aristocrático, com sua vaidade sedutora, com seu sorriso simples e franco. Sonhava, mesmo, com o delicioso estouvamento que você tem...

Não a comprehendo sem os seus pequeninos defeitos, que também são meus. Amo-a pela sua timidez, que só eu conheço, pelas afinidades que descobri no seu coração e na sua alma, pela vibração do seu mundo interior, pela ternura humana dos seus gestos, pela sua sinceridade, pelo seu temperamento expansivo. Amo-a porque você é adoravelmente intranquila e adoravelmente mulher...

Tudo, em você, me seduz. Estou, irremediavelmente, preso ao seu destino.

Longe de você, nas noites longas em que a recordo com enlèvo, ou nos dias vazios em que inutilmente a espero, fico, desoladamente, pensando na felicidade impossível que nós dois ambicionamos para unir os nossos desenganos, as nossas decepções, o nosso sofrimento e a nossa desventura.

Sinto-me, porém, tão perto de você, meu doce amor, que, às vezes, tenho a impressão de que estamos sempre juntos, olhando os outros com a indiferença de quem é feliz...

Você está na minha sensibilidade e na minha ilusão. Você está na minha esperança e nos meus atos. Está em todas as vibrações da minha vida. Vejo-a quando desperto, quando olho a natureza, quando viajo, quando estudo, quando escrevo, quando durmo, quando sonho... Vejo-a em toda parte e a toda hora. Porque você é o motivo irresistível da minha alegria interior. Porque você é o começo e o fim do meu pensamento...

Confio no seu amor, que você tantas vezes já me confessou corajosamente, para que eu não desanimasse diante do seu ceticismo. Mas tenho medo da sua desconfiança, alimentada pelo entusiasmo das mulheres que me festejam. Das mulheres que não me interessam, porque não têm as suas qualidades e os seus defeitos...

Creia no meu coração e na minha sinceridade. E não me desiluda com a sua indecisão...

M A U R O D E A L E N C A R

# Euealol



## DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomeianos — E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu figado deve derramar, diariamente, no estomago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estomago. Sobreveem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martyrio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada há como as famosas Pillulas CARTERS para o Fígado, para uma ação certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Fígado. Não aceite imitações. Preço 3\$000

## Guia-da Belleza

Este livro ensina a fazer, na propria casa, os tratamentos de beleza e os utensílios e provéteiros faz os processos feito pelo médico especialista  
**DR. PIRES**  
na sua Clínica de Beleza da RUA MEXICO, 95-97, and. Rio de Janeiro  
Preço: 45 pelo correio ou nas livrarias.

**Busto**  
Aumenta, fortifica e diminui o busto com os produtos à base de HORMONIOS  
**Hormo-Vivos 1 e 2**  
Para descolher e fortificar uso o n. 1  
Para diminuir uso o n. 2. Resultados rápidos.  
Gratis: Peça informes à Caixa Postal 3.571-Rio  
Nome \_\_\_\_\_  
Rua \_\_\_\_\_  
Cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

## A arte de ser bela

### (AS SOBRANCELHAS)

As mulheres, em geral, não dão às sobrancelhas a importância que elas têm, principalmente sobre a expressão do rosto. Prestam muita atenção ao rouge, ao pó de arroz, ao batom, ao desenho sinuoso dos lábios, ao penteado, às pestanas, às massagens, mas não se lembram das supercilios e não se importam quando desejam dar um ar exótico à fisionomia.



Os bons maquilladores não pensam do mesmo modo. Eles tiram das sobrancelhas um excelente partido, realçando certas linhas do rosto, ou dissimulando imperfeições. Se os olhos possuem um valor expressivo inegável, as sobrancelhas, por sua vez, servem para aumentar ainda mais esse valor. As sobrancelhas modificam um rosto,

segundo o seu traçado. Não há muito, as moças costumavam depilá-las quasi por completo, substituindo-as por uma linha negra ou marron, com o fito de tornarem-se parecidas com esta ou aquela "estrela" de cinema... Este capricho passou, felizmente, e as sobrancelhas voltaram a desempenhar, para essas pessoas, um papel sem importância...

\* \* \*

Acontece, às vezes, que a pessoa, ao depilar a sobrancelha, o faz um pouco exageradamente, em prejuízo para o rosto.

Quando exageramos o arqueado, quando as convertemos em angulos muito agudos ou quando as prolongamos demasiadamente, com o intuito de rasgar os olhos, para dar ao rosto certo ar oriental remontíssimo, caímos, então, nos extremos, no artifício anti-estético.



As sobrancelhas devem seguir, mais ou menos, a linha do arco superciliar; não devem ser muito espessas, pois enduzem a expressão; nem muito

finas, quasi capilares, como é de gosto de muita gente...

Um processo excelente, para se conseguir um traçado harmonioso, consiste em passar um risco pelo centro da sobrancelha, por meio de um lapis macio, ensaiando-se, depois, sobre essa base, até encontrar a linha ideal, que mais favoreça o rosto.

Chegará, então, o momento de recorrer às pinças, passando, préviamente, pelas sobrancelhas, um pouquinho de vaselina afim de tornar menos dolorosa a operação. Não se deve, nunca, usar gilete ou navalha, para depilar a sobrancelha, pois ela despontará, logo depois, muito mais grossa, à semelhança do que acontece com a barba, no homem.

Depois da depilação, é de toda conveniencia passar pela região um pouco de lanolina, vaselina boricada ou qualquer crème refrescante.



*E' festa para os olhos!*

- um rosto livre de defeitos  
e uma beleza sem disfarces

NÃO inveje o fascínio que suas amigas exercem sobre os homens... A mulher bella é sempre uma festa para os olhos de seus admiradores... A Sra. também pode ser admirada. Para isso não use artifícios provisórios para occultar e disfarçar as imperfeições do seu rosto, mas corrija-as para sempre com Leite de Colonia. Com o uso contínuo do Leite de Colonia — pela manhã e à noite — a Sra. removerá os defeitos da pele, espinhas, sardas, manchas, dando às suas faces um frescôr de mocidade... Leite de Colonia limpa, alveja e amacia a sua pele e é excelente como base do pó de arroz.

*Leite de Colonia*

**STAFIX** mantém o cabelo penteado sempre em perfeita harmonia com a toilette



## A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje, em dia, só é feia quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o Creme de Alfaca ultra-concentrado, que se cantaiza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantadora à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horroivelmente escura. O Creme de Alfaca permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O vigo, o brilho de uma pele viva e sadias voltam a impregar com o uso do Creme de Alfaca «Brilhante».

Experimente-o.

## UM MEIO NOVO E MAIS FÁCIL de embelezar os olhos

Lavolho todos conhecem. Refresca, alivia, embeleza os olhos. E agora, com sua nova embalagem e um novo contatogato de desenho científico, pode ser aplicado mais facilmente e sem desperdício.



## LAVOLHO HIGIENIZA OS OLHOS

## Inglês

*Prof. Frank Tyler*

AULAS PARTICULARES E EM  
PEQUENAS TURMAS  
RUA DO CARMO, 71, 1.<sup>o</sup> andar, sala I  
Esquina da rua Ouvidor

## conselhos às mães

*Dr. Rinaldo de Lamare*

(Doc. de Clin. Infantil da Fac. de Medicina e do Ins. de Puericultura da Universidade do Brasil).

## A LÍNGUA DA CRIANÇA

Já representou a língua na medicina clínica papel de extrema importância. E todos nos recordamos de que, outrora, quando era solicitada a presença do médico, chegava este, circunspecto e calado, sentava-se ao lado da cama, tomava em uma das mãos o pulso e na outra o relógio e, olhando, com a cabeça inclinada por cima do "pince-nez", exclamava: "Mostre a língua". Com esse simples ceremonial estava feito o exame médico.

Não há dúvida que a língua pode fornecer-nos úteis indícios, e o médico moderado, apesar dos grandes recursos de que dispõe, não deve, certamente, deixar de examiná-la.

As mães igualmente com ela também se preocupam, e já foi por muito tempo generalizada a noção de "língua presa". O bebé, uma vez feito o diagnóstico de "língua presa", deveria sofrer, imediatamente, um pequeno ato cirúrgico consistente no corte

do freio da língua. Noção essa por demais admitida e para qual também concorreram os médicos de então. Hoje em dia esta prática está bem limitada; sómente em casos excepcionais há necessidade desse corte, pois na grande maioria das vezes é apenas impressão de estar presa a língua; com o tempo ela se soltará naturalmente, e não impedirá o ato de mamar e muito menos o de falar na época devida mesmo porque tão singela intervenção não é de todo desprovida de perigo, por quanto passa pelo freio lingual uma pequena arteria que facilmente pode ser atingida e seccionada e sangra com certa abundância, o que nem sempre é possível evitar sinônimo após grande dificuldade.

Ao lado da "língua presa", a "língua suja" disputa a importância clínica. Podemos dum modo geral dividir-la em duas categorias: a primeira apresenta-se nas doenças febris agudas, e cessa com a cura do estado infeccioso; a segunda, que se mostra permanentemente, somente com pequenos intervalos de melhora, apresenta-se em crianças perfeitamente saudáveis. Os leigos costumam atribuir-lhe a doenças do estômago causadas por excesso de acidez. O que na verdade parece haver é uma certa predisposição constitucional caracterizada pela proliferação exagerada das células da camada (epitelio) que recobre a língua.

Talvez seja por isso que, na China, a limpeza da mesma faz parte da "toilette" diária, ao lado da higiene dos dentes e dos cabelos; a língua deverá ser escovada até se apresentar vermelha e úmida, sendo isso para os chineses um dos grandes atrativos humanos.





*Parece que estive  
em Férias*

Nunca pensei  
que pudesse  
recuperar  
minhas forças  
tão depressa!

#### O EMINENTE PROF. ROCHA VAZ

da Fac. Med. do Rio, diz : — "Ha longos annos aconselho o Vinho Reconstituente Silva Araujo a meus clientes, em que é positiva sua acção reconstituinte."



#### FAZ BEM A TODOS!

Diz o "speaker" Sr. Affonso Scolá : — "Eu me sentia sem disposição para o trabalho. O que me valeu foi o Vinho Reconstituente Silva Araujo."



A Sta. Nelly Maia, conta : — "Fraca, nervosíssima, tudo me contrariava. Comecei a tomar o Vinho Reconstituente Silva Araujo. Foi a minha salvação."



Para trabalhar bem — está provado — não basta a simples vontade de trabalhar... É necessário também saúde e disposição... Tome o seu caso, por exemplo... Si o cansaço o domina durante as horas de serviço, si sente a memória enfraquecida, fastio e falta de paladar, si dorme mal, anda irritado — pense no perigo da desnutrição do sangue. Com esses symptoms, o Sr. deve estar anêmico, ter o sangue

pobre, desnutrido. Procure, sem perda de tempo restabelecer o equilíbrio de sua saúde. Comece a tomar o Vinho Reconstituente Silva Araujo nas refeições. O Vinho Reconstituente Silva Araujo é um poderoso estimulante do apetite e criador de energias, pois contém extracto de carne, quina, phosphoro, calcio — todos os elementos necessários à perfeita nutrição do sangue. O uso do Vinho Reconstituente Silva Araujo é também económico; uma dose sahe por 300 rs. apenas.

*Vinho Reconstituente  
SILVA ARAUJO*



RECUSE IMITAÇÕES, EXIGINDO O FRASCO COM ROTULO OVAL

# A DERROTA do ORGULHO

## Conto de Martins Capistrano

QUANDO Paulo entrou no salão deslumbrante de luzes, que a noite fria de maio tornava delicioso, os olhos negros de Yolanda o envolveram, avidamente, na ternura infinita de seu encantamento. Ela já o esperava, ali, para festejá-lo com a sua simpatia num ambiente diverso daquele em que, habitualmente, o via.

Paulo chegou sózinho e foi, galantemente, cumprimentar a jovem esposa de seu colega de hospital dr. Roberto Leite, que tanto interesse lhe despertara desde uma tarde macia em que pudera sentir melhor a sua fascinação.

O salão do casino da Urca resplandecia, magnificente, nas galas da grande hora mundana. Movimentava-se o mundo social de seus frequentadores ao contacto da validade e do perfume que se diluiam, voluptuosamente, em torno das mesas onde se conversava e se bebía enquanto se aguardava o sensacional aparecimento dos patinadores do gelo.

Yolanda foi, pelo braço do marido, até a mesa reservada para sete pessoas que, no fundo do *grill-room*, longe da pista multicolorida das dansas, sorria, esplendidamente, com a nota festiva de seus cravos vermelhos. Só depois de meia hora chegaram os outros convidados, dois casais amigos de Paulo e do dr. Roberto Leite.

Começou o jantar e a orquestra encheu de ritmos o salão esplendente. Um *fox* trepidante... Uma valsa antiga... Um tanto melancólico...

\* \* \*

— Agora, Yolanda, eu posso dizer que você está nos meus braços... Tanto tempo desejei este momento...

— E eu também...

— Então, por que ainda insiste em surpreender-me com suas atitudes desconcertantes? Se você me ama, como parece, e às vezes o demonstra tão comovidamente, por que, outras vezes, se mostra esquiva, indiferente, distante?...

— E' o conflito interior da minha esperança...

A música da valsa, que eles dansavam, sugeria êxtases sentimentais que dulcificavam o coração dos dois, evocando saudades de enlevos recentes, cuja emoção estava, ainda, na sensibilidade de Yolanda.

— Não a comprehendo, querida, quando você é a mulher descrente, enigmática, indefinida e quasi agressiva de ontem à tarde, por exemplo, na estrada da Tijuca... — sussurrou, magoado, Paulo.

— Nesses momentos, nem eu própria me comprehendo... Não sei o que sinto... Não sei o que desejo... Não sei o que espero... Tenho vontade de fugir de você e, ao mesmo tempo, de ficar, eternamente, a seu lado. Vendo-o apaixonado, eu me revolt... Vendo-o indiferente, entristego... Não sei que complexo atua na minha sensibilidade... Amo-o, porque tenho saudade da sua figura, da sua voz, do seu sorriso... Amo-o, porque penso em você na quietude do meu lar, perto de meu filhinho, que não consegue fazer-me esquecê-lo, Paulo...

— Por que, então, me amargura com aquele desinteresse, que é quasi desdém, das suas horas de indecisão e de dúvida?

— Para desiludi-lo e libertar-me deste amor que não devia existir...

— Deste amor que nós amamos, a-pesar-de tudo, e que nasceu da nossa infelicidade, do nosso próprio destino sentimental...

— Sim. Mas eu tenho medo das situações ilegais, que a sociedade condena. Tenho medo de prender-me, irremediavelmente, a você...

— A sociedade não pode reparar os erros da fatalidade e, entretanto, lamenta a desventura, sem dar-lhe um remédio. Tudo é convencional... como o seu amor, pelo que vejo...

— Não me faça essa injustiça, Paulo! Meu amor é verdadeiro. Mas ainda não se libertou das angústias da minha inquietação interior. Escute: ontem, na estrada, eu não era sincera. Representava, dolorosamente, uma comédia, que me torturava. Meu desejo era confessar-lhe a verdade e dizer-lhe que estava mentindo. Porque, Paulo, vaidosa como sou, até das suas atitudes românticas eu gosto: sinto-me lisonjeada, festejada, engrandecida... Confio no seu amor e crio esses instantes de indiferença... Não faço isso para desiludi-lo, quero confessar, agora. Sofria muito, se você me faltasse... Se você não me quisesse mais...

— Então mentiu, há pouco! Você é uma criatura estranha, difícil, paradoxal...

— Menti, apenas, para satisfazer à minha vaidade feminina. Mas receio que você deixe de lisonjar-me com suas palavras de namorado. Receio que se arrependa de ter perdido o tempo comigo. Receio, sobretudo, meu doce amor, que você, depois de conquistar-me totalmente, me abandone, por desencanto ou por cansaço... E eu sofreria imensamente, se isso ocorresse. Teria a desilusão definitiva da minha vida. Maior do que a minha primeira desilusão. Aquela que me levou, tristemente, para os braços do homem a quem dei meu corpo e minha vida, sem amá-lo: o pai de meu filho. Meu coração de mulher não pertence a ninguém, ou antes, pertence um pouco a você, Paulo. Minha alma, porém, com suas insatisfações, suas dúvidas, seus anseios incomprendidos, suas aflições, suas amarguras, está, sempre, onde você se encontra, porque o acompanha, angustiosamente, desditosamente, nas suas vitórias e nas suas tristezas, nos seus pensamentos e nos seus atos. Creio ter dito tudo, agora, Paulo...

— E se eu desistisse antes de conquistar-lhe, integralmente, o coração, como desejo?... Antes de possuir a mulher?... Você bem sabe que a alma, espiritual e imponderável, não chega para a ambição sentimental do homem... Sem o corpo, a alma é quasi inútil à nossa sensibilidade amorosa...

— Se você desistisse, eu sofreria, mas ficaria curada da minha aspiração absurda, do meu absurdo desejo de ser feliz... Sofreria pela derrota do meu orgulho. Simplesmente. Vê que não sou a mulher em quem se devia confiar... Não sei o que quero. Não sei o que me satisfaz...

A valsa languida terminou, bisada pela orquestra que, no fundo do palco, agitava seus instrumentos reluzentes.

Paulo e Yolanda voltaram para a mesa, no centro da qual sorria, violentamente, a púrpura dos cravos silenciosos... Cearam. Beberam champanhe. Temeram um *ice-cream* rutilante. E assistiram, com os

mesmos pensamentos e as mesmas emoções, aos movimentos semi-alados dos patinadores da pista gelada, que haviam atraído ao *grill* da Urca, na grande noite do *ice-show*, toda aquela gente cujos olhos só não viam a alma e o coração dos dois amorosos...

Paulo dansou, depois, com as duas senhoras da mesa e outras damas de suas relações, que encontrou no casino. Yolanda seguia-o, com os olhos intranquilos, da mesa ficada. Tinha inveja e ciúme daquelas mulheres que o enlaçavam. Não compreendia a existência desses sentimentos, quando procurava afastar o domínio de Paulo sobre o seu coração inquieto. Veementemente, desejava, naquele momento, que ele voltasse para junto dela e a convidasse para dansar. Estava nervosa de paixão. Mordia os lábios. Fechava os olhos. E sonhava com os lábios de Paulo ardenteamente unidos aos seus lábios, na sensação e na volúpia do amor...

As outras mulheres, que o disputavam, orgulhosas de seu par elegante, vistoso, prestigiado, causavam-lhe um mal-estar indomável, que a irritava profundamente. Seu ódio crescia. Aumentava o seu ciúme. E Yolanda tinha ímpetos de levantar-se, precipitadamente, e ir buscar Paulo na pista, arrebantando-o dos braços da dama que o possuía... Estava, positivamente, atordoada, aflita, delirante... Desconhecia em si mesma aqueles impulsos desatinados. Sempre fôra calma, tranquila, moderada nos seus sentimentos. E ali se sentia exaltada. Com vontade de chorar. De gritar a sua paixão. De correr, alucinada, para os braços de Paulo.

Cessou um *fox* impetuoso, e começo um *tango* nostálgico, emotilente, angustiado... Paulo veio tirar Yolanda, que sorriu, e o acompanhou...

E enquanto os dois dansavam, harmoniosamente, no salão suntuoso e alegre, a moça, vencida, afinal, pelo amor, confessou:

— Fiz uma experiência, Paulo. Amo-o. Perdidamente. Irremedavelmente. E não posso mais viver sem você. Mas queria que fosse meu somente...

Morria o tango nos instrumentos da orquestra. A voz de Yolanda, emocionada, melancólica, sentimental, segredou:

— Queria que fosse meu de alma, de coração e de espírito. Sem pensar nas outras mulheres. Sem festejá-las perto de mim. Sem desejar-las. Só assim eu poderia ser sua. E só assim poderia ser feliz...





• Tão rápido, seguro e completo é o alívio que proporciona a Cafiaspirina, que este providencial remédio devia estar sempre connosco, em qualquer ocasião, para combater as dores rheumáticas, nervosas e dores de cabeça. Cafiaspirina não só alivia, como reanima, restabelecendo o bem estar normal.

• Seja precavido: tenha sempre consigo Cafiaspirina.



## Cafiaspirina

O REMÉDIO DE CONFIANÇA  
contra DORES E RESFRIADOS

### A mulher do «cabaret»

NO elegante "cabaret" todo ouro e azul, os pares deslizavam no soalho polido, ao som de um tango lamentoso... Sergio de Andrade cumprimentou um conhecido, e depois o seu olhar caiu numa jovem alta e magra, demasiadamente pintada, que estava sentada perto de uma mesa ornada de lilases.

— E' ela — pensou consigo.

Atravessou o salão e aproximou-se da moça.

— Quer dansar, ou prefere conversar? — indagou ele, sorrindo.

— Talvez seja melhor conversar — respondeu ela, em tom de gracejo.

Ele sentou-se. Chamou o "garçom" e pediu dois "whiskey".

Sergio olhou para a jovem. Estava vestida de branco, com uma rosa vermelha presa na abertura do decote.

Ela parecia doente. Sombras violetas cercavam-lhe os olhos castanhos.

Ele tomou as mãoszinhas da moça e perguntou:

— Você se lembra de mim?

Ela estremeceu. Suas faces inanaram-se mais vermelhas que a rouge que as cobria.

— Sergio! exclamou, num grito abafado.

— Pobre Odete! — disse ela, com uma voz que a emoção estrangulava. — Como você está mudada! Tão diferente daquela menina bonita, com quem me casei numa distante manhã de maio!... Quando a conheci, era uma moça cheia de saúde e alegria. Cantava o dia inteiro. Não ambicionava lindos vestidos, nem valiosas joias, nem ricas peles. Desconhecia a vida agitada das grandes metrópoles. Não fumava, não tomava "whiskey", nem frequentava "dancings"!

— Por favor, não prossiga! — pediu ela.

Uma sombra passou pelo rosto de Sergio.

— Lembro-me do dia em que a conheci — continuou ele, com voz triste. — Foi numa manhã de verão, na igrejinha de R... Estava vestida de azul claro. Seus cabelos formavam um halo em redor da cabeça. Você cantava, e os flís a ouviam em profundo silêncio. Parecia um dos anjos que estavam pintados nos vitrais da igreja... Alguns tempo depois, declarei-lhe o grande amor que lhe dedicava, lembra-se? Encontrávamo-nos todas as tardes. Sentados perto do lago azul, dizia-lhe tantas lindas palavras de amor, que tão depressa seus ouvidos se cansaram de ouvir... Casámo-nos numa doce manhã de maio. Você estava encantadora no seu alvo vestido de noiva, com as flores de laranjeira presas nos seus cabelos loiros...

Um ano depois, uma linda filhinha veio encher nosso lar de alegria. Não havia ventura igual à nossa! Mas... um dia, chegou da cidade o jovem Mauro Costa. Ele era um belo rapaz. Começou a dizer-lhe que na cidade havia coisas maravilhosas. Imensos prédios, lindas avenidas, automóveis de vários modelos... Lojas cheias de coisas maravilhosas, e uma noite fugiu com Mauro... Quanto sofri... Nunca poderá saber quanto me feriu sua traição! Por que fez isto?

Ela não respondeu. Estava emocionada ao reviver esse passado longínquo. Um brilho de febre acendia-lhe os grandes olhos castanhos.

— E a menina, como vai? — indagou Odete, lançando ao moço um olhar perscrutador.

— Está crescida. Seus olhos recordam os olhos da mãe. Ela pensa que você morreu...

Houve uma pausa; depois ele prosseguiu:

— Odete, apesar-de tudo, eu ainda lhe quero bem. Você continua na minha vida, com a mesma fascinação dos tempos passados. Quero-lhe como antigamente! Meu amor vai até ao sacrifício. Humilha-se e... perdoa. Quer voltar para a fazenda que nos conheceu tão felizes? Tudo está como dantes. A grande sala torrada de ouro, os quadros antigos... As trepadeiras em redor da casa. O riacho silencioso e as montanhas azuis, que juntos contemplávamos da varanda rústica... Volte para casa! A menina terá o que nunca teve: os carinhos de uma mãe... Esqueceremos tudo e recomeçaremos uma nova vida!

Uma gargalhada estridente interrompeu-o.

— Voltar? — exclamou ela, rindo desdenhosamente. Nunca daria certo! Sou muito feliz. Mauro é tão bom para mim! Possuo um lindo palacete, joias, *toilettes*, criados e automóveis. Você nunca poderia dar-me tudo isso!

Sergio empalideceu. Havia no seu rosto uma expressão de angustia.

— Odete! — implorou ele.

Ela tirou um cigarro da cigarreira e acendeu-o. Soprou um anel de fumaça. Olhou com desdém para o moço e disse, bruscamente:

— Vá embora! Odeio-o!

Sergio ficou lívido. Seus olhos chispam.

— Está bem! — gritou ele. — Vou-me embora! Não a importunarei mais!

Ergueu-se violentamente. Atravessou o salão e saiu.

Ela estremeceu. Tinha as mãos tão trêmulas, que o cigarro lhe escapou dos dedos. Os lábios tremiam-lhe. Sentia no coração um peso intolerável.

Como ela mentira!

Ela o amava. Nunca pudera olvidar seu marido. O coração reclamara sempre seu primeiríssimo amor. Quanta saudade sentira daquela felicidade que se fôra!...

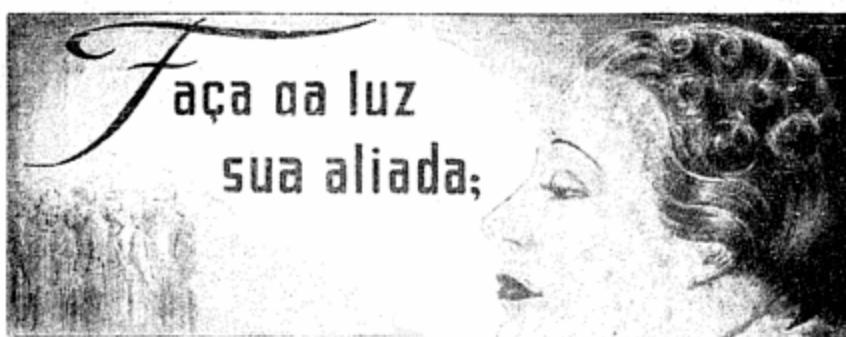
Mas, era tarde demais, quando ela compreendera todo o alcance de sua loucura. Fazia um ano que Mauro a abandonara. Quantas vezes ela passava dias inteiros sem provar um pedaço de pão!

Sua vida era atormentada de dívidas, tristezas e recordações.

O destino castigara-a e castigaria-a bem... Agora seu marido a perdoara.

Ela ainda poderia ser feliz! Mas era muito tarde...

Os parentes e amigos não queriam recebê-la. O esposo e a filha



## NÃO SUA ADVERSÁRIA

Ao entrar num teatro, num salão de baile, num ambiente de elegância, enfim, faça-o confiante em sua beleza. Procure, agradavelmente, os pontos bem iluminados. Se possue uma cutis perfeita, a luz só poderá realçar o seu encanto.

Tentando encobrir a cutis mal tratada e cheia de pequenas imperfeições, muitas senhoras usam, em excesso, cosméticos que impedem aos pólos respirar.

Gaste alguns minutos diáários no tratamento de sua cutis com SARDOGEN, e faça ponto final ao receio de sér notada. SARDOGEN elimina panos, sardas e espinhas, além de representar uma defesa para a perfeição de sua cutis.

Use SARDOGEN e coloque-se, confiante e ativa, nos logares bem iluminados que mostram a sua cutis rejuvenescida e mais alva.



## SARDOGEN

Para receber um vidro pelo correio, envie 10\$000 em dinheiro ou selos, a GLOSSOP & CIA., Caixa Postal, 140 — RIO.

sofreriam. Ninguem poderia apagar seu passado. Seu marido não confiaria mais nela... Se ela voltasse, seria um obstáculo à felicidade e ao futuro de sua filha. Sergio poderia encontrar outra mulher que o amasse e o fizesse feliz.

Sentia-se fraca e doente. Talvez a morte estivesse próxima...

A Odete de outrora havia morrido! A Odete de hoje não merecia nem perdão, nem piedade. Havia de sofrer até o fim.

Ela impusera a si mesma esse castigo.

Odete olhou em redor de si, mas a gente, as luzes e as mesas, tudo dansava ao seu redor: ela chorava...

## DICIONARIO DE BELEZA

Dr. Pires — Coeditora Brasilica, Editora-Rio, 1941.

“DICIONARIO DE BELEZA” é um novo livro do dr. Pires, especialista em assuntos de estética. No presente trabalho vêm explicados, nas cem páginas que contém, todos os assuntos que se referem à plástica.

Quem desejar uma explicação sobre qualquer assunto de beleza basta procurar por ordem alfabética a questão que quiser para logo ter a descrição clara e resumida da mesma.

Todos os métodos, processos ou conselhos citados são rigorosamente científicos e representam o que de mais moderno e eficaz existe na arte de aformosear. Muitas são as gravuras que ilustram o «Dicionário de Beleza» do dr. Pires tornando o texto ainda mais compreensível.

CECIL VANETTI CAMPS

FON - FON

## BÓA EDUCAÇÃO

*As Cores Alegres  
de Peggy Sage*

**INCARNAT**, um vermelho profundo, e **Edat**, um rosa fragil, para enfeitar as suas unhas com tonalidades lindas que afugentam a tristeza... no esmalte que "dura como o aço". Extasie-se também com estas outras novidades: **Fez**, **Sari**, **Mantilla** e o fogo vivo de **Cereja Negra**.

**PEGGY SAGE**



**A**S vezes, as coisas que causam pior efeito são precisamente aquelas que, prontamente, qualificamos de futeis, indignas de nos preocuparmos com elas.

Remeter um selo dentro da carta que se dirige a uma determinada pessoa, pedindo uma resposta, é uma falta.

Tal coisa só é permitida entre parentes ou pessoas ligadas por grande amizade. Fazer isto quando só se conhece superficialmente a pessoa, constitue uma grande incorreção.

\* \* \*

Interromper, de forma sistemática, a quem está falando, com o fim de citar um fato qualquer ou um dito gracioso, ou com o intuito de opor um argumento, tolera-se a princípio, porém termina por causar aborrecimento. É um costume frequente, no qual não se reparava muito. Não é possível manter uma conversa agradável e demorada com quem procede dessa maneira.

\* \* \*

E' falta absoluta de discrição revelar-se conhecimentos de fatos desagradáveis ocorridos nos lugares onde nos encontramos, ocasionalmente, de visita.

Não devemos, nunca, ser o primeiro a tocar em assuntos de temas ingratos.

Podemos ter a certeza de que tal gesto será agradecido.

Não custa esperarmos que os interessados nos comuniquem os casos, se isso lhes interessa.

Adiantarmo-nos, poderia dar ocasião a que se interpretasse, erroneamente essa desnecessária falta de tato.

\* \* \*

Oferecemos nossa casa aos outros, quando existe o desejo de cultivar sua amizade, de estreitar relações. Outras vezes se oferece protocolarmente.

Há, porém, pessoas que, no primeiro dos casos enumerados, manifestam, uma impaciência pouco recomendável, apresentando-se à visita, nas casas que lhes foram oferecidas, antes de decorrer um certo espaço de tempo.



*Pratos variados  
a toda hora*



**MINGAU** de manhã... sopa ao almoço e jantar... bolinhos para o chá, tudo feito com a deliciosa Quaker Oats. Como são gostosos e como fazem bem! Quaker Oats contém os verdadeiros e necessários elementos para ganhar-se saúde e vigor. Fortifica o organismo, acalma os nervos, dá energia. Tome Quaker Oats todos os dias. Compre Quaker Oats e receberá o peso integral — 567 grs. em cada lata.



*Insista em comprar a lata  
com a figura do Quaker  
— a aveia sem impurezas.*



**QUAKER OATS**

*Mais peso e melhor qualidade asseguram  
maior rendimento por lata.*

**APOSENTOS  
CIRCUNDADOS COM  
PAREDES MACIAS**

**U**M sistema de construção que garanta, de antemão, boas propriedades técnico-acústicas, foi alcançado nas construções executadas por um engenheiro alemão residente em Copenhague, Waldemar Oelsner, segundo as explanações feitas pelo professor dr. K. W. Wagner, numa assembleia extraordinária celebrada na Academia Prussiana da Ciências. Oelsner conseguiu combinar as diferentes partes da construção, com tal elasticidade, que as vibrações não se propagam ao atravessar um obstáculo, por exemplo, uma parede, mas, também, não são devolvidas nela mesma, evitando assim o eco.

Segundo as declarações do prof. Wagner, Oelsner já pôde experimentar e comprovar a excelência do seu sistema, de construção, em numerosos salões de festas, cíne-teatros, escritórios e residências. Um êxito especial, porém, obteve com a edificação de uma igreja, em Copenhague, realizada com a sua colaboração. Trata-se de uma construção em estilo gótico, com colunas e três naves, tendo 25.000 metros cúbicos de volume aéreo. Segundo as experiências colhidas com outras semelhantes, não se podia absolutamente esperar que a predica fosse compreensível ou que a música soasse com harmonia, em qualquer lugar em que se estivesse. O sistema de construção Oelsner oferece agora excelentes condições auditivas a tais peças, pois apresenta um exemplo modelo do êxito obtido com uma construção inteiramente de acordo com a técnica acústica.



## A SAÚDE DA MULHER

"MOLDES DE FON-FON"

Queira remeter-me, com brevidade, o molde do figurino n.º .....  
publicado no FON - FON de ..... de acordo com as se-

quintas medidas:

Comprimento: do decote .....	da cintura .....
dos quadris .....	da barra .....
Circunferencias: do busto .....	da cintura .....
dos quadris .....	
Medidas de ombro .....	da manga .....
do punho .....	das costas .....

Junto a importancia de ..... (em selos de 200 réis  
de correio, ou em dinheiro) em carta com valor declarad.

**NAME**

RUA ..... N.º .....

CIDADE ..... ESTADO .....

Juntar a importância de três mil reis (3\$000) em dinheiro ou em selos de 200 reis, para entrega a domicílio, sob registro.

Quando entregue em nossa redação — o preço será de dois mil e quinhentos reis (26500).

Toda correspondencia deverá ser dirigida para o seguinte endereço:  
**RUA DA ASSEMBLÉA, 62 - 1.º ANDAR — RIO DE JANEIRO — CAPITAL**

**FON - FON** — 13 —

**SUPER CERA  
GOSCH  
PARA BOAL HO**

Usando-a uma vez por mês terá o sealtho sempre brilhante.



**Sintplastiq\***

**U**m bonito jovem, de peito cor-de-rosa, foi sempre um dos mais graciosos caraterísticas de feminilidade. Se a moça tem shapathia, se deseja restabelecer a plasticidade desse busto, experimente este método rigorosamente sciencioso, recomendado pela Sociedade Pediátrica do Brasil e feito de qualquer parigina para o organismo: a Pasta Russa.

Formula do celebre salão G. Rinaldi, a Pasta Russa, friecendo levemente, introduz-se pelos peitos e ao longo a circulação de sangue, reponer os conductos lacrimosos e penetra nos lobulos das glandulas — desencadeando normalmente as ações:



## PASTA RUSSA

DROGARIA ARAUJO FREITAS & CIA.

Rua Miguel Couto n.º 88 — Rio de Janeiro  
Envia-se para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de Rs. 15\$, remettida por carta com valor declarado.

do renascimento das artes plásticas e reactiva os tecidos fibrosos musculares atrofificados — resolvendo o problema.

Para belas-arts, e jovens-artistas que experimentam a Pasta Russa.

Sintplastiq: experimento grandioso para tratar a busto sem plastica.



A atrofia do tecido fibroso-muscular determina a aplasia.



A Pasta Russa revivesce o tecido fibroso muscular.



DR. CLOVIS DE ALMEIDA

(Cirurgião do Hospital Miguel Couto)  
CIRURGIA GERAL e VIAS URINARIAS

CONS.: Quitanda n.º 3 — 3º Tel.: 42-1607  
RESIDENCIAL: 25-0802

# SAIBAM

## OS MELHORES VERSOS DA SEMANA

### DRAMA INTERIOR

DE LEOPOLDO BRAGA

O cacirolão vibrou, sonoro e lento,  
no alto da velha torre do convento,  
e eu, que voava, com o meu pensamento,  
na asa de um sonho descuidoso e bom,

voltei, de súbito, à realidade,  
e, olhando o labirinto da cidade,  
senti que a dor de toda a humanidade  
cinha no meu coração, naquele som!

Maldições, desesperos e amarguras  
de multidões anónimas e obscuras  
rugiram na minha alma. E eu compreendi,

ouvindo a voz profética dos sinos,  
que a tragédia de todos os destinos  
põe alguém, num segundo, achá-la em sil-

LEOPOLDO BRAGA me en-

via o seu formoso livro "Ontem", primorosa coleção de sonetos. Sente-se que o livro data de ontem, na verdade, — porque é de prever que o poeta, se começasse hoje a sua obra, certamente preferiria dor à sua poesia uma outra expressão. Pelo menos, para não ficar tão distante da corrente modernista . . .

Mas, o que deve impressionar, antes de tudo, em Leopoldo Braga, é o artista. E, nesse ponto, ele parece haver realizado o preceito de Jacques Bainville, quando diz: "L'art c'est l'expression".

No seu obra, a expressão, ou seja, a maneira de apresentar os seus temas, os seus motivos, é o que mais sobressai, e vem pôr em relevo as qualidades do poeta.

Leopoldo Braga é bem o velho discípulo dos Herédias, dos Leconte de Lisle, dos Bainvilles. Nêle, o artista supera grandemente o poeta. Isto é, o fantástico, o visionário, o lírico exaltado.

Entretanto, fôrça é confessar que, nesse volume de sonetos, sonetos que poderiam ter saído das mãos divinas de um Bilac ou de um Emilio de Menezes — Leopoldo Braga nos oferece peças como "Drama interior" — onde, aliás, se estabelece um perfeito equilíbrio, entre o ourives, o filigranista, o "artífice do verso" e o poeta emotivo, colorista e pensador.

Meditemos, como último argumento, esse seu "Drama interior" . . .

YVES

## "SAIBAM TODOS..."

é a secção informativa dos leitores de Fon-Fon.  
Elá se propõe a auxiliar os que necessitam de  
uma informação preciosa. É um guia do leitor,  
especie de "vademecum", destinado a consultas  
rápidas e úteis.

Endereço — Rua da Assembleia n.º 62 — Caixa  
Postal 97 Telefone: 22-4136 Rio. — Toda e  
qualquer correspondência referente a esta secção  
deverá ser dirigida a Yves nesta redação, an-

# TODOS...

MEDIOCRE (Capital) — Vejamos a sua carta verdade como um grito de esperança... perdida...

Ei-la:

"Yves. Li sua crítica que me encorajou a mandar novo soneto, o terceiro!

Este se possivei, pode publicá-lo. Mando, também, versos não regulares, modernos com um pouco deste desprendimento atual, de liberdade, desta música toda cheia de transposições, mas, não cadencia.

Se merecerem publicação, publique-os pois se ajustará ao próprio conceito de que: "é útil mesmo aquelas para si inuteis".

Grato pelo muito pessoal "espírito maduro" que, como fraze ponte me põe em contacto com a outra lauda quase, por certo, balbucio filosófico e agradeço pelo muito de seu valor percebido e pelo mais que concebo de seus favores.

E, das concessões de tal honra posso me subscrever ainda muito admirado, se não mediocre".

Se eu o encorajei, — o certo é que o sr. não teve "coragem" de estudar... E a prova é que me envia poemas (?) mal enjambrados como os de hoje...

Aqui está, por exemplo,

#### P O É T A

*A minha vida... Oh! a minha vida...*

*E' quase nada!...*

*Na culminância infinita deste inferno!*

*Vida apaixonada...*

*S'ave, louca, brusca, lenta, maldita  
e eterna...*

*Sarcastico? sou, e que me importa a vida?*

*Eterna convulsão que vivo...*

*Fraco... suicida...*

*Morro aos poucos...*

*Sou... que importa?*

*Só sei que sofro, vibro, sou sensível e choro...*

*Sou poeta!...*

Mas creia que, mesmo mau poeta, como é, eu admiro, pelo menos, a sua tenacidade...

O sr. me dá a idéia de um daqueles corredores que tomavam parte nas corridas de pedestres, que iam tirar a argolinha, no vencedor... (Isso, é claro, é episódio da minha meninice...) O fato era pitoresco.

Partia um grupo de dez ou doze rapazes, para alcançar a tal argola — que valia um bom prêmio. Às vezes, o vencedor da corrida já estava de posse do troféu, e o tal corredor pertinaz, esbaforido, o coração a saltar do peito, ainda corria na pista. Não desanimava...

O sr., em poesia, é como esse corredor dos meus tempos infantis...

(Conclui na página 17)

#### COUPON

Data da consulta.....

Nome do consultante.....

28 - 6 - 1941

# PHENOMENO



E  
O GRANDE E  
ANTIGO  
SEGREDO  
QUE  
TORNA LINDOS  
OS  
CABELLOS

PERFUMARIA TARRÉ  
R. Visc. DO RIO BRANCO, 60-RIO-

## SÃO 3 horas E JÁ EXHAUSTA!

Muito cansado para fazer seus deveres e desanimado para brincar. Às 3 horas da tarde começa já o sentir-se nervoso, irritável e exausta. Si continuar assim não terá chance na vida. Sua vitalidade, sua energia e seu estado de saúde são minados com o veneno da eliminação incompleta. Um copo diário de ENO natural e seguro sol efervescente — lhe devolverá a saúde. Seu médico concordaria porque ele sabe que o "Sal de Fructa" ENO atua suavemente e não contém drogas ou sais minerais que possam afetar o delicado organismo infantil.

## ELLA PRECISA



**ENO**  
"SAL DE FRUCTA"

# DEIXE-ME LER SUA MÃO...

FRASQUITA (Est. do Rio). — Dou aqui, o seu bilhete:

"Prezado Sr. Yves. Ansiosa por saber o que dizem as linhas de minhas mãos, venho importuná-lo, pedindo-lhe um estudo das impressões palmares que junto remeto.

Confiando inteiramente em seu criterioso estudo, sou cordialmente".

Faça o favor de ler o que se pede nas instruções abaixo. Se não as entender, recorra a pessoa que lhes possa explicar.

V. ex. fez tudo errado.

Basta dizer que só me forneceu a prova de u'a mão.

Adianto, porém, que tudo lhe será difícil — devido ao seu temperamento. V. ex. é uma criatura que só gosta de si mesma. Tudo ha de ser para a sua pessoa. Ela — em primeiro logar. Deus, e o resto, em segundo.

V. ex. é dessas criaturas que quando conversam, dizem sempre: "Eu..." porque "eu", mas "eu", e "eu", antes de tudo."

Ora, uma pessoa que só pensa no seu "eu", não pode atrair as forças benéficas que vêm do Alto! Conviver mais humana e pôr de lado essa preocupação personalística — em proveito do próximo e dos seus — pelo menos.

Não suponha que nesse modo rude, sincero, de falar, haja qualquer manifestação de antipatia pela sua pessoa. Não! Há, apenas, sinceridade.

Literatura, galanteios, palavras doces não querem dizer franqueza, nem interesse. Envolvem, quando muito, hipocrisia.

E eu só me utilizo dela quando forçado pelas convenções sociais. No caso em apreço, o que há é uma consulta, onde devo ser tão sincero — e a sinceridade é sempre rude — quanto um médico ou um confessor.

Muita gente interpreta as minhas atitudes francas com desamabilidade, falta de gentileza.

Não faz mal. Nem por isso a minha correspondência diminui.

MAX (Minas). — Carta simpática, e do sr. Permite que, embora seja confidencial, ela apareça aqui:

"Montes Claros, Minas, 31-5-41. Caro Sr. Yves. Soude e Paz. Sempre que se me torna possível, eu leio em "Fon-Fon", na pagina "Deixe-me ler sua mão", as suas respostas aos que se lhe dirigem em assuntos de quiromancia.

Não sei porque razão, o sr. Yves, dá a entender o mais que pôde, não sei

um quiromante e sim mero curioso nessa ciência. Outras vezes dá para dizer não acredita, não fazer dessa profissão etc.

Não concordo sr. Yves com a sua opinião.

Tenho notado pelas suas respostas, ser conhecedor profundo, e muito intuitivo.

O dinheiro é preciso para se viver nos tempos atuais. Aliás, sempre o foi. Cristo também teve necessidade dele para impostos. Leia mãos e cobre vinte mil reis por cabeça que não haverá neste mundo de Deus, coisa mais honesta.

Não creio que ficará rico; mas tem um belo apartamento em Copacabana. Que não lhe sirva de nada. Mas virá para os seus. Do leitor e amigo admirador. — Max."

Resposta:

1.º — O seu ponto de vista é o de um homem prático. Um homem que vê as coisas pelo seu prisma real. Eu penso que, se para se aprender a ler mãos, é necessário adquirir livros caros, é justo, portanto, que se cobre, pelo menos os juros desse capital empatado e mais — o fator tempo. Drei porém, que o consultante não sabe fazer distinção entre o charlatão e o apostolo de uma ciencia. Ele deseja o máximo pelo mínimo. Em outras palavras, o cliente pede o céu e a lua em troca de uma cômoda "carranca". Ele não crê em livros, nem em que estes custem dinheiro nas livrarias.

2.º — De resto, quem fala aqui é o encarregado de "uma secção do FON-FON". E' um funcionário, sob o pseudônimo de — Yves. A minha pessoa não aparece no caso. Nem eu desejo que o meu nome literário se confunda com o de quiromante — no sentido pejorativo em que é tomada essa palavra.

3.º — Leo a mão de amigos e pessoas que, antes de verem em mim um quiromante, procuraram estreitar as minhas relações de amizade, sem inten-



*Quer saber o que dizem as linhas de suas mãos? É fácil. Ponha o fundo de um prato engordurado — com banha, graxa, manteiga, cera, etc — sobre o chama de uma vela. Passe, sobre as duas mãos, o fumo negro que resultar daquela operação. Calque, depois, as mãos sobre duas folhas de papel de lixo, sem paua, de modo que fiquem bem nitidas, e queira enviar-las a Yves, nesta redação, devidamente assinadas. Pode também usar tinta de imprensa ou rouge. E' imprescindível remeter o coupon abaixo, o qual dá direito apenas a um estudo.*

#### COUPON "Deixe-me ler sua mão"

Data .....

Nome .....

Idade .....

Estado Civil.....

Local .....

(Conclue na pag. 63)

**TRADICIONAL VENDA ANUAL MAIO-JUNHO**

**MOVEIS · TAPETES · CORTINAS**

GRANDES REDUÇÕES DE PREÇOS EM TODOS OS ARTIGOS

**ASA** MARCA **UNES** REGISTRADA

MATRIZ RIO ANEXO

65-R.DA CARIOCA-67 • 82-R.7 DE SETEMBRO-82

### SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

GLAUCO MEIRA (Capital) — Vejamos a sua carta:

"Rio, 9 de Junho de 1941. Prezado amigo sr. Yves. Atenciosos cumprimentos.

Tomando a liberdade de enviar-lhe o despretencioso soneto "Como te quero", que, medrosamente submeto à sua proficiencia e consideração, peço venia para pedir-lhe um grande obsequio. Si não merecer a atenção do meu distinto amigo, rasgue-o e não faça, eu lhe peço, a menor alusão ao pobre trabalho de um principiante, que busca as luzes dos entendidos.

Si, no entanto, merecer o mesmo qualquer gesto de amizade, creia que muito obrigará o patrício e admirador, que se subscreve, respeitosamente, criado ás ordens, Glauco Meira."

Sr. poeta. Em bôa regra, não devia tomar em consideração a carta que me envia. Basta notar que ela vem assinada á maquina. Mas, do mesmo modo que o sr. não tem noções de literatura, é bem provável que não as tenha, em relação ás convenções sociais.

Assim, o sr. fica sabendo que u'a missiva qualquer deve trazer a assinatura autêntica de quem a escreve — mesmo que se trate de pseudônimo. Depois desta lição de bom tom, passo ao seu soneto... (!)

COMO EU TE QUERO . . .

Um dia eu te encontrei na minha vida!  
Meu olhar com o teu, então, cruzou.  
E naquele instante, rápido, querida,  
Meu coração do teu se aproximou.

Depois, nos afastamos; e ferida,  
A minh'alma saudosa, então, chorou.  
E uma lagrima quente, muito sentida,  
Nos meus olhos rompeu e aí ficou.

Novamente, nos vimos; que ventura!  
Nossa vida ligámos, com carinho,  
E eu te dei minha vida com loucura!

Um dia, perguntaste: "Tu me queres?"  
E eu te disse, ao ouvido, bem baixinho:  
"Quero-te mais que a todas as mulheres!"

Glauco MEIRA

Bem pulha, o seu soneto. Não vale a pena escrever versos mediocres, como êsses (mediocres e aleijados) com o fim de aparecer como poeta, numa revista que não é de principiantes.

FESTA À IMPRENSA. — Tenho a maior satisfação em agradecer á digna Diretoria do Clube de S. Cristovão, o convite que me foi enviado, para a festa, ali realizada, em homenagem á imprensa escrita e falada.

Tratando-se da aristocrática sociedade de S. Cristovão, cuja tradição é das mais honrosas, em os nossos meios sociais, é de esperar que o festival obtenha o mais retumbante sucesso.

YVES

**METROLINA**

Para a higiene íntima da mulher

ANTISSÉPTICO GINECOLOGICO  
BACTERICIDA - DESODORIZANTE - ADSTRINGENTE



A MÃE — A FILHA

MÃE (jovem ainda). — Informou-me tia Martha que resolveste ir viver com ela.

FILHA. — (constrangida). — Sim... creio que será melhor para nós duas.

MÃE. — Com efeito... mas não é necessário separarmo-nos assim, como se estivessemos ressentidas e escondendo possíveis mas não justificados melindres. O que devemos é ter uma explicação mutua para saber si continuaremos amigas ou...

FILHA (precipitadamente). — Oh! mamãe! Continuaremos como sempre, não o duvides. Reconheço teu direito de tornares a casar-te e estou bem longe de censurar-te por isso.

MÃE. — Alguma reprovação terás tido quando resolveste entender-te primeiro com tia sem antes te explicares comigo.

FILHA. — Repito-te que nenhuma. Vivemos, porém, sempre sós, em e tu, e sinto que não poderia acostumarmo-me à intromissão de um terceiro na nossa intimidade, mesmo que este seja um antigo amigo, a quem, aliás, muito aprecio. O contrario me levará, talvez, a uma atitude forçada e, sem o querer, um dia eu poderia formular uma replica violenta ou assumir uma atitude caprichosa que poderia provocar desinteligencias que perturbariam injustamente tua nova vida. E só por isso, crê, vou me embora.

MÃE (fazendo uma pausa). — Mas, com sinceridade, preferias que não voltasse a casar-me, apesar de tudo que justifica essa minha atitude?

FILHA (baixando a cabeça). — Sim, já que me forças a isso...

MÃE (triste, mas com firmeza). — Pois bem, tratarei de modificar teu modo de pensar mediante uma explicação mais completa, que julgava desnecessaria. Sabes que teu

## Segundas Nupcias

pai morreu depois de doze anos de casados e facilmente eu poderia ter contraído novas nupcias logo depois. Não quis, porém, fazê-lo para não dar-te um protetor que, frequentemente, se transforma em tirano, porque os homens devem mandar em sua casa, mas é bem triste se ser mandada por quem não é o próprio pai.

FILHA. — Agradeço-te, isso...

MÃE. — Essa frase em tua boca parece-me ironia e não te fica bem... Hoje a situação é muito diferente. Eu sou de maior idade, resolvi sózinha o que queres, tens um noivo que não me agrada, consigo que não discuto, porque não quero me opôr ao teu amor, pois, embora salbas que não te casarás tão cedo estás disposta a esperar... E, quando chegar essa hora, eu ficarei só...

FILHA. — Espiritualmente nada nos poderá separar.

MÃE. — Mas, de fato, estaremos separadas; tu, em tua casa e eu na minha, afim de evitar os atritos, certíssimos, que eu teria com meu marido e se vou esperar que te cases primeiro não mais poderia tratar da minha vida porque já estarei velha...

FILHA (compreendendo). — Ah...

MÃE. — Sim, estarei velha e na impossibilidade talvez de trabalhar para manter-me como até hoje, para chegar, então, ao extremo de vir a ser uma carga para meu marido. Assim, filha, nessa perspectiva, e pelo fato de teres muitos anos de mocidade para poder esperar, enquanto isso me falta, decido-me a aceitar um companheiro para a velhice enquanto é possível prevenir e evitar o mal futuro que poderia causar-nos desgostos bem maiores.

FILHA. — Tudo previste, mãe...

MÃE. — Sim, minha filha, e percebe-me mais triste essa possibilidade do futuro que a cerimonia proxima...

FILHA. — Assim também o comprehendo e vou viver com tia para deixar-te refazer tranquilamente tua vida. Mas, comprehende, mãe, para a nossa profunda intimidade de toda a vida, sentimos, em nossos corações, que de dois males escolhemos o menor. Mas, na hora de aceitar o nosso sacrifício naturalmente sofreremos. Quando o tempo passar e a logica do teu proceder se tiver imposto aos melhores sentimentos de meu coração, seremos, então, mais amigas do que nunca e amaremos muito mais o teu companheiro que, certamente, será o teu melhor amigo. Por enquanto, porém, não violentemos nossos sentimentos, levando mais longe uma explicação que poderia diminui-los...

MÃE. — Tens razão, mas queria ter a certeza de que não me comprehendas mal... (abragam-se estreitamente e, talvez, pela primeira vez, se sintam companheiras de almas.) — SARA POGGI.

*Cola Juventude Magnifica*

OS CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLtam A SUA COR PRIMITIVA COM POUCO TEMPO DE USO. NÃO É TINTURA. NÃO MANCHA PELLE NEM AS ROUPAS.

Telefone 29-5641  
Caixa Postal 228. Rio



CAPISTAS

**MENAGOL**  
PARA FALTA DE MENSTRUACAO  
APR. PELA GENS. SANIT. N. 56-1-Y

**INSTITUTO  
ABDON LINS**

**DR. ABDON LINS**

Titular da Academia Nacional de Medicina. Do Laboratorio Bacteriológico da Saúde Pública. Catedrático da Escola de Medicina e Cirurgia. Docente da Faculdade Nacional de Medicina.

Seção de Análises Clínicas:  
Exames de sangue, púes, etc.  
Confecção de vacinas autógenas, etc.

RUA RODRIGO SILVA, 20  
(1.º andar)  
Telefone 22-1285

# Mocinhas e Mulheres

*As congestões e inflamações de certos órgãos internos*



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comunicação violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

As molestias mais perigosas das mulheres começam sempre assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá peiorando cada vez mais.

É esta a causa das molestias mais perigosas!

Para evitar e tratar as congestões e as inflamações internas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

**Regulador Gesteira** evita e trata os padecimentos nervosos produzidos pelas molestias do útero, a asma nervosa, peso, dores e colicas no ventre, as perturbações e doenças da menstruação, anemia, palidez, amarelidão e hemorragias provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, a fraqueza do útero, tristezas subitas, palpitações, opressão no peito ou no coração, sufocação, falta de ar, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, dormência nas pernas, enjôos, certas coceiras, certas tosses, pontadas e dores no peito, dores nas costas e nas cadeiras, falta de animo para fazer qualquer trabalho, cançaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

**Regulador Gesteira** evita e trata estas congestões e inflamações desde o começo.

**Regulador Gesteira** evita e trata também as complicações internas, que são ainda mais perigosas do que as inflamações.

Comece hoje mesmo  
a usar **Regulador Gesteira**

# NOTAS DE ART

**SÁO-LUIZ**

**CARIOCA**

**H O J E**

**2-4-6-8-10 HORAS**

**ZANE GREY**

**CONQUISTADORES**

**TECHNICOLOR**

**ROBERT YOUNG**  
**RANDOLPH SCOTT**  
**DEAN JAGGER**  
**VIRGINIA GILMORE**

John Carradine • Slim Summerville • Chill Wills  
Barton MacLane

(imp. até 10 anos)

Acompanham  
Complementos  
Nacionais.

**20th CENTURY FOX**

MARIA GUILHERMINA. — Na tarde de domingo, 15 de junho, abriu-se o Teatro Municipal para um recital de Maria Guilhermina, a notável pianista brasileira, conhecida e aplaudida pelo público e pela crítica do Brasil, do Uruguai e da Argentina, aquela de quem disse, em 1936, Yves Nat, o conceituado professor do Conservatório de Paris, ao concluir a pianista o seu curso de aperfeiçoamento: "...Il n'est pas doux que son nom s'inscrive d'une façon inoubliable dans les Annales de la Musique".

A realidade correspondeu à expectativa, através das belas execuções das peças deste programa e mais dos 3 extras — *Malaguena*, de Leonora; *Marcha dos Soldadinhos desafinados* e a *Bela do bosque*, de Lourenço Fernandez; *Noiturno*, op. 15, n. 2, de Chopin; I) BEETHOVEN — *Sonata op. 57 (Apasionada)*; Allegro assai — *Andante com moto* — *Allegro ma non troppo*; LISZT — *Rapsodia Hungara*, n. 6; II) CASTELNUOVO-TEDESCO — *Notte e luna* (Da suite "Rapsodia Napolitana" — 1<sup>a</sup> audição); BELA BARTOK — 2 *Dansas populares rumenas* (1<sup>a</sup> audição); MOMPOU — *Canção e Dança*; FALLA — *Dansa Espanhola ("Vida Breve")*; III) EDUARDO CABO (Boliviano) — *Aire Indio* n. 2 (1<sup>a</sup> audição); EDUARDO FABINI (uruguai) — *Triste n. 1 (Canção crioula* — 1<sup>a</sup> audição); CARLOS LOPEZ BUCHARDO (Argentino) — *Balecito* (1<sup>a</sup> audição); ISABEL ARETZ-THIELE (Argentina) — *Vidala* (Não me abandona a minhador); J. ITIBERÉ DA CUNHA (Brasileiro) — *Dansa alegre e sentimental*; FRANCISCO MIGNONE (Brasileiro) — *Congada* (Dansa brasileira).

Ouvindo a recitallista, ouvia-se realmente uma pianista invulgar.

Interpretando peças de vários gêneros e diversos autores, mostrou-se a pianista simultaneamente igual e diferente. Igual pela mesma sabedoria técnica, e diferente pela variedade de expressão estética que imprimia a cada composição. Clássica com Beethoven; romântica com Liszt; moderna com Falla, Bartók, Mompon e os músicos latino-americanos — Cabo, Fabini, Buchardo, Aretz-Thiele, Itiberé da Cunha e Mignone.

Mas se tudo foi belo, nem todas as belezas foram do mesmo porte. Para a nossa sensibilidade assinalamos distintamente o 2º tempo, o *Andante* da *Sonata* de Beethoven, que o piano cantou. Depois as *Dansas* de Bela Bartók e de Falla, expressões vivas da alma popular latino-eslava da Rússia e do gênio celta mousresco do povo da Espanha — ao que a insigne virtuosa deu acentuado relevo. Em seguida *Vidala* de Isabel Aretz-Thiele, que embalsamou o ambiente com a sua delicada beleza sen-

timental no meio de outras posições americanas, que faltavam aos sentidos do que ao espetáculo, embora belas no seu gênero, belamente interpretadas, como a *Canção crioula* de Fabini, *Balecito* de Buchardo e *Dansa* de Itiberé da Cunha.

Não nos fomos esquecendo, e, propositalmente deixamos para o fim, a beleza ímpar do recital que foi a interpretação da *Rapsodia* de Liszt. Maria Guilhermina atingiu então a alturas que só alcançaram grandes pianistas. Não só nas passagens de bravura, de agilidade e força, mas também nas em que predominava maciez dos sons agradados, onde o piano canta mais do que toca, em tudo, a interprete revelou de um alto poder emotivo e de uma comunicabilidade empolgante. As palmas estridentes juntaram-se bravos do auditório entusiasmado com a magistrabilidade da interpretação.

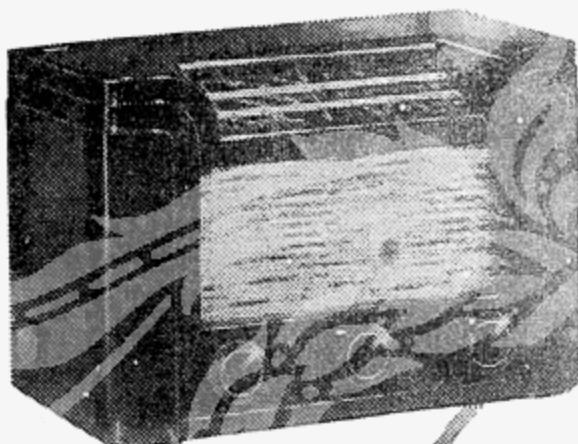
Infelizmente a circunstância de ser domingo e uma tarde linda, de céu azul e temperatura amena,

(Continua na pag. 51)



BEATRIX REYNAL, a poetisa americana de «Tendresses Mortes» (Grosset, Paris-1937) acaba de nos dar um novo livro: «Au fond du coeur», um cuidada edição Pongetti. Versoando com desenvoltura, elegância e simplicidade, a autora destes poemas nos conduz a um mundo que já não existe, parece. De tal maneira há suavidade na forma e na essência dos seus versos, na paisagem que ela pinta e nas criaturas que aí se movimentam, que a gente fica pensando que tudo corre por conta do sonho bom e belo que Beatrix Reynal esteve sonhando. E é pena, porque as cenas que ela evoca serviram de sua infância são capazes ainda hoje de emocionar e comover, fazendo de «Au fond du coeur» um delicioso livro em cujas páginas se poderá mergulhar em busca de desencanto. Tudo nesta poesia tem o mesmo perfume daquelas flores do corpo da loura Nanon... O perfume, a beleza e o colorido fixados como foram surpreendidos e lembrados: em flagrante. E' da ilustre poetisa a gravura, num magnífico elo de Reis Junior.

# Sensacional Concurso *RCA Victor de 1941*



## MODELO "BROADWAY" Q 22

Offerece.....  
*Desdobramento de Faixa*  
aperfeiçoamento technico notavel que  
facilita a syntonização de ondas curtas.

**1º Premio**

Recepção incomparável de ondas curtas e longas



ORIGINAL CONCURSO FOI INSTITUIDO PELA RCA VICTOR EM TODO O BRASIL. PREMIOS VALIOSOS, PARA OS CONCORRENTES DE CADA ESTADO. É facil... é rapido... todos podem concorrer sem despesa alguma. Peça o folheto explicativo na Loja do Revendedor RCA VICTOR mais proximo. **INSCREVA-SE HOJE MESMO!** SEJA UM DOS FELIZRADOS!

O SORTEIO SERÁ REALIZADO NO AUDITORIUM DA PRA-9 RÁDIO MAYRINK VEIGA, ÀS 21 HORAS DO DIA 30 DE JUNHO, EM UM PROGRAMA ESPECIAL EM QUE ACTUARÃO OS ARTISTAS DE GRANDE RENOME DA VICTOR.

NO  
RIO,  
TODAS  
AS CASAS  
DE MUSICA  
ESTÃO  
DISTRIBUINDO  
O  
FORMULARIO  
DO  
CONCURSO



**RCA Victor**  
SÍMBOLO DA MAXIMA PERFEIÇÃO.

RCA VICTOR BRASILEIRA INC.  
Edifício Niłomex — Rio de Janeiro  
Caixa Postal 2726



## JOCKEY CLUB mundano

MAIS uma luminosa tarde de mundanismo elegante, no hipódromo da Gávea. Mais uma reunião festiva da alta sociedade carioca. Os instantâneos desta página fixam a vibração de um "meeting" esportivo-mundano no prado do Jockey Club, sob a carícia e o esplendor de um domingo de sol...





## RADIO-COMENTARIOS

**N**ÃO há puritano indígena que não descubra «podridões ocultas» nos meios radiofônicos. Cada emissora é um antro de horrores para os inefáveis catões botucudos da imensa taba brasiliense... A êsses «epilantras» da Moral é recomendável a leitura do 8.º capítulo de «A verdadeira Hollywood», de Raul Roulien, que acaba de dar-nos «Aves sem Ninhos», um filme esplêndido, em face das possibilidades precárias do cinema nacional... Nessa parte do seu livro de impressões hollywoodenses, conta-nos Roulien os horrores a que têm de sujeitar-se os «astros» e «estrelas» da famosa Cidade de Ilusões. Os nossos poucos «astros», especialmente os radiofônicos, sentir-se-ão bastante confortados, quando souberem por quê a infeliz Clara Bow deixou de filmar... E saberão enfrentar com menos tristeza as infâncias dos «epilantras» da moral... — S. S.

\* \* \*

### SUGESTÃO

**O** microfone é um sorvedouro de idéias. Programas que exigem longas noites de estudo, e não raro prolongadas vigílias, ele os devora em pouco tempo, com a insaciabilidade de um Moloch... Mas não é justo, positivamente, se abandone à vertiginosidade do «verba volants» muita coisa boa, muita coisa edificante que passa pelos nossos microfones. Um belo exemplo do que afirmamos é a série «Gênios Musicais», que a Radio Mayrink Veiga transmitiu para os ouvintes de bom gosto. A referida série nos proporciona, agora, o prazer de uma sugestão à Divisão de Radio do DIP, dirigida pela inteligência esclarecida de Julio Barata: o aproveitamento de programas educativos como êsse, no sentido de imprimi-los, incluindo-os na coleção iniciada com tanto êxito pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, para a elevação da cultura do povo brasileiro. «Gênios musicais» poderia iniciar a série de trabalhos radiofônicos impressos pelo DIP, e daria dois interessantes volumes leves: «Carlos Gomes» o primeiro; o segundo com as radio-biografias de Bach, Haendel, Beethoven, Mozart, Haydn, Schubert, Schumann, Brahms, Liszt, Chopin, Wagner, Berlioz, Grieg, Spontini e dos cinco russos famosos: Rimsky-Korsakow, Balakirew, Cesar Cui, Moussorgsky e Borodine.

### DOIS ANIVERSARIOS

**A** Radio Ipanema festejou com muito brilho o seu 7.º aniversário, realizando um desfile de seus «astros» e programas. A Tupi comemorou o 4.º aniversário da sua atuação de Manoel Barcellos ao seu microfone, movimentando seus cartazes e atrações. Parabéns à estação de Xavier Filho e à emissora de Theophilo de Barros.

### «HISTORIAS SEM PALAVRAS»

**V**ICTOR COSTA vem realizando na PRE-8, com sucesso indiscutível, um programa curiosíssimo, que talvez só Pedro Bloch e Berliet Junior seriam capazes de fazer, entre nós: historietas radiofônicas sem palavras de espécie alguma! Utiliza-se o dedicado diretor do «Teatro em Casa» sómente de músicas e ruidos. Conseguiu plenamente o seu objetivo, e mais que isso: tornar bem apurados os ouvidos nem sempre atentos dos radiouvintes, preparando o terreno para a realização do Radiatro integral, arte nova e independente. Antes dêle, Bloch fez o mesmo, fragmentariamente, nas peças «Anhangá» e «Um milhão de violinos»; Berliet, em vários pontos da sua obra, também fez coisas bastante apreciáveis, visando embora a mentalidade da maioria. (É sabido que o autor de «Defensores da lei» julga necessária a reforma apresentada por Bloch, «com as restrições impostas pela compreensão popular, ainda inapta a acompanhar os lances da técnica excessivamente avançada do criador de «Marilynas». Em palestra conosco, Bloch louvou as «Histórias sem Palavras»: mais um motivo para felicitarmos o vitorioso Victor...

### «MELHORES DE 42»

**P**UBLICAREMOS no próximo número de FON - FON o «coupons» do novo grande concurso radiofônico da nossa PR1, que vai indicar os 52 melhores artistas de nosso广播，em todos os setores do «front»...

### QUE E' O RADIO? PARA QUEM E' O RADIO?

**O**s intelectuais e «broadcasters» que responderam às dez perguntas da 1.ª «enquête» (Que é o Radio?) não podem responder às dez perguntas da 2.ª (Para quem é o Radio?) São os seguintes, pela ordem cronológica:

Rosquette Pinto (padrinho), Gustavo Barroso, Olegario Marianno, Pedro do Couto, Wladimir Bernardes, Gilka Machado, Manuel Bandeira, Murillo Araujo, Berilo Naves, Renato Travassos, Fernando Raja Gabaglia, R. Magalhães Junior, Agrippino Greco, Orestes Barbosa, Rubey Wunderley, Barros Vidal, Zelachio Diniz, Fernando Segismundo, Horacio Mendes, Almeida Azevedo, Nelson Romero, Benjamin Lima, George Sumner, J. Octaviano, Edmundo Lys, Francisco Galvão, Celestino Silveira, Djalma Maciel, Gomes Filho, Ricardo Pinto, Juracy Araujo, Felicio Mastrangelo, Hoche Ponte, Haroldo Barbosa, Mário Lugo, Theophilo de Barros Filho, Ruy Costa, Campos Ribeiro, Paschoal Carlos Magno, Oswaldo Santiago, D'OR (Ondina Dantas), J. Caribé da Rocha, Alberto Ribeiro, Sebastião Fonseca, Xavier Filho, Luiz Edmundo, Antônio Cordeiro, Eduardo Brown, Valdo Abreu, Nelson Dantas, Cesár Ladeira, Paulo Roberto, Ademar Casé, Saddi Cabral, Ivo Pecanha, Mariza Lira, Martins Castello, Heber de Bóscoli, Celso Guimarães, Ilda Labarthe, João Mello e Renato Murce.

As dez perguntas da 2.ª «enquête», de que é padrinho o dr. Julio Barata, já foram respondidas por João Dummar, Ramiro de Souza Cruz e Berliet Junior, nomes da nova lista.



Trio de Ouro: Dupla Preto e Branco mais Dalva de Oliveira. Um dos grandes cartazes vocais do Radio-Brasileiro. Legítima atração dos programas de estúdio da Radio Nacional.



Cesar Ladeira

#### PRÉMIO ROQUETTE PINTO

A valorização do ofício de "speaker", no Brasil deve-se a Cesar Ladeira, antigo jornalista em São Paulo e "announcer" do "broadcasting" local, que após os acontecimentos de 1932 naquela Estado, veio para o Rio já favorecido por sensacional publicidade. Ingressando na Mayrink Veiga, onde até hoje se encontra como chefe das transmissões e diretor-artístico, Cesar Ladeira imprimiu novos rumos à atividade profissional do locutor, então muito discreta mas essencialmente cultural, graças à passagem de Roquette Pinto, Rubey Wanderley e outros intelectuais pelos microfones da cidade. Além dessa valorização publicitária e consequentemente econômica da sua profissão, Cesar Ladeira tem contribuído bastante para a memória do rádio carioca, dotando-o de bons programas; estimulando a literatura radiofônica e o radiatro (no qual atua em primeiro plano);

## De Mansinho.

POR DJALMA MACAÍBA

A voz policórdia e simpática do speaker Manoel Barcelos vibrou, lentamente, no aposento onde o escriba, defronte da máquina de escrever, procurava nos escaninhos da memória profissional o assunto de cada dia da semana. Logo os acordes de uma velha melodia seresteira cederam as palavras do locutor. "Melodias de outrora"... Pedaços de canções que se perpetuaram em ritmos dolentes e versos repassados de tempos antigos. Farrapos de saudade arrancados do pentagrama por um grupo de violinos e canteiros sentimentais! Os dedos que já se movimentavam com impulsionar as teclas, retrairam-se, insensivelmente. E o escriba agachou-se, ficou, quase imóvel, escutando o programa inteiro — melodia melódia, frase após frase. Como se estivesse sob a ação de um veneno — um tóxico de sabor agri-doce — seus nervos se distenderam; e o seu cérebro mesquinhão, trabalhado incessantemente, por preocupações de existência material, repousou alguns instantes. Olhou para dentro de si mesmo e não se reconheceu, naquele momento! Aonde fôra a felicidade com que espraiava os homens e as coisas? E aquela displicênciamania, castaça pela lágrima romântica? Não soube responder. Muito menos pôde explicar por que associava à audição das melodias singelas e gustosas a lembrança de pequenos fatos, de incidentes sem importância observados no transcurso quotidiano da sua vida laboriosa e cinzenta. Vinha-lhe da harmonização dos instrumentos e da voz quente e sincera do locutor, um desejo irresistível e exquisito de afagar a humanidade! De perdoar todos os erros; de esquecer todas as vilanias. Sobretudo, o desejo de destruir ali mesmo, em fúria iconoclasta, aquela fileira de volumes que reunia os deuses da sua idéia. Este, que o encaminhava ao ceticismo; esse — por lhe haver ensinado a desconfiar do coração do homem; est'outro, que lhe abriu as portas da insensibilidade dialética. E os restantes — filósofos ou simples comentadores, biólogistas ou psicólogos — em cujas obras aprendera que a vida animal é um dos aspectos menos interessantes do eterno rodízio da matéria; que o amor é apenas a necessidade de reprodução da espécie habilmente disfarçada pela natureza em sentimento, como certos purgantes escondidos em pilulas; que a saudade é, em parte, u'a manifestação sub-consciente de egoísmo... Sim, ele rasgaría aqueles monstros da Verdade, anti-romântica, que lhe sorriam de longe, através dos vidros das estantes, com os dentes de ouro falso muito visíveis na epiderme negra das Lombadas! Já se dispunha a isso, quando — oh, determinismo estranho mas providencial das coisas radiofônicas! — a voz de Manoel Barcelos subiu duas oitavas para anunciar o fim do programa-encantamento. E para avisar, materialíssimamente, qual uma ducha aplicada na hiper-emotividade do escriba, que aquilo tudo fôra unicamente obséquio e patrocínio de uma fábrica de camisetas.

e, sobretudo, incentivando com o seu exemplo de constância e trabalho os que também desejam o engrandecimento do "broadcasting"

brasileiro. Por esses motivos, merecemos, hoje, Cesar Ladeira entre os candidatos ao Prêmio Roquette Pinto de 1941.

## RÁDIO-ATUALIDADES

POR D. M.

PROMOVIDO pelo matutino "O Diário", de Belo Horizonte, acaba de ser encerrado com o maior êxito um concurso para escolha dos três melhores speakers de Minas Gerais. Foram computados mais de 37 mil votos, recaindo as preferências do público ouvinte das Alterosas sobre os locutores Afonso de Castro, Francisco Lessa e Bueno de Rivéra, que obtiveram, nesta ordem, as primeiras colocações do certame. Afonso e Bueno pertencem ao quadro da Sociedade Rádio Mineira e Francisco Lessa é o speaker-chefe, discotecário e organizador dos programas de gravações da Inconfidência. Feliz a escolha dos radio-ouvintes de Minas porque, de fato, os três premiados

são merecedores da distinção que lhes foi conferida.

\* \* \*

Campos Ribeiro, nosso brilhante colega de imprensa, está redigindo para a Ipanema nada menos de cinco programas literários: — "Bôa noite para você", "Relicário", "Vida dos grandes músicos", "Para você sonhar" e "Efemérides sonoras".

\* \* \*

Arf Barroso convidou Djálma Pimenta e a jazz da PRI-3 para uma temporada radiofônica no Rio e algumas gravações de música popular; na PRB-7 prosseguem as audições sempre interessantes de "Memórias do Rio", em redação do poeta Augusto Ellisio; recebemos

e agradecemos o último número de "Única", da Baia, que publica a servilvida seção radiofônica de Edgard Freitas; a PRE-8 continua transmitindo rádio-teatro matinal sob a direção de Gilberto Marinho; Pedro Caldas, outro interessante cantor mineiro, virá ao Rio com a jazz de Pimenta; e o Silvino Neto disse: — "às vezes sou obrigado para não xingar a mim mesmo".

\* \* \*

Disse-nos uma ouvinte de rádio a propósito da "Ave Maria", da PRB-7: — "Como aquêle padre é la bonito e como canta bem!" O padre é o locutor Júlio Louzada e a sua continuação vocalico-musical é o Benjamino Gigli em disco, cantando uma peça sacra...



# SAMBIURAK radiophonico

COISAS de ARMANDO MIGUEIS

## PREFERENCIAS DE PERRONI...

**E'** comum aos nossos "astros", quando alguém lhe indaga qual a sua distração predileta, responderem com a maior naturalidade: — E' a leitura.

Foi o que se deu com o Perroni. Colocado "na berlinda" pelo Barbosa Junior, na hora H das perguntas, o Celso, com aquela risadinha cruel, lembrou-se de indagar

do cantor qual o seu divertimento predileto. A resposta não tardou:

— A leitura, Celso.

— E seus autores preferidos? — tornou à carga o locutor. Perroni embateceu. Procurando livra-lo daquela "situação", o "speaker" chefe da Rádio Nacional insistiu:

— Qual o livro que você prefere?

O cantor de "Vigília da Iampada", contente com a "saída" do Celso, respondeu triunfante:

— O livro de cheques...

\*\*\*

## O QUE ELES GOSTAM DE LER...

Moreira da Silva — o livro de ponto...

Leonora Amar — o catálogo do telefone...

Orlando Silva — o caderno de apontamentos...

Zé Bacurau — a conta do armazém...

Carlos Galhardo — os bilhetes da Federal...

Francisco Alves — os programas do Jockey...

Cinara Rios — o relógio do taxímetro...

\*\*\*

Ajá sabendo, se Deus quizer...



1 — Helionice Mourão atua na Rádio Inconfidência como "speaker" de programas noturnos. Trabalhou algum tempo nas estações particulares de Belo Horizonte. 2 — Cláudia Rios continua aumentando o seu cartaz de interprete da nossa música popular, ao microfone da PRA-9. 3 — Isaura Garcia, descoberta da Rádio Record de São Paulo, é uma menina que canta sambas e marchas melhor que muitas "estrelas" de cartaz... 4 — Kleber Sena, cantor da Rádio Guanabara, inicia esperançosamente a sua carreira.

## CANTINHO dos fãs

CONSULTORIO GRATUITO... por S.H.

Marta Barbosa — Sim: infelizmente, Zolachio Diniz afastou-se do Radio, em caráter definitivo.

Lia Macedo — Não há mais dúvida a respeito: Armando Louzada e Simone Moraes estão noivos. Está com ciúmes?...

Alvaro de Oliveira — Também acho que o melhor "speaker" de estúdio da Educadora é Attila Nunes, apesar da sua modéstia tão simpática. O "amor" de Emilinha Borba é Nilton Paz...

Orlandinha — De fato... Mas como soube que Zézé Fonseca é o grande "caso" do "cantor das multidões"? É bem curiosa, hein?

Spezzia Batista — Britz Dias Lamento não poder dar-lhe informações. Não sei se existe alguém com esse nome no Radio...

M. O. S. — Gastão do Rego Monteiro, segundo dizem, abandonou o Radio. Seu substituto é o "speaker" Cesar de Alencar. Sim: Odvaldo Cozzi, Souza Filho e Dilo Guardia são casadinhos da silva...

Pelo que vejo, é fã dos "speakers", não?

Fan n.º 1 — Dyrceinha está em São Paulo. Se gosta do Carlos Frias? A-pai-xo-na-da-men-te...

Bibliófilo — "Palestras Culturais" é escrito pelo brilhante Eugenio de Figueiredo. Concordo: esse é um dos melhores programas de caráter educativo do nosso Radio. A PRA-9 está de parabéns.

Carlos Rocha da Silveira — O "Concurso dos Melhores de 42" é uma ampliação do concurso já realizado por FON-FON. O ponto referente aos radiadores (homens e mulheres) não colide com o concurso de Heber de Bôscoli, em "Vanguarda", pois serão distinguidos os diferentes gêneros de interpretação ao microfone. Aliás, quando do primeiro concurso, explicamos ao público que não incluiríamos no certame os atores de Radio porque só havia duas ou três emissoras com teatro radiofônico. Veja o FON-FON de 11 de junho de 1938 e confirmará o que dizemos.

# PARA QUEM É O RÁDIO: PARA ELITE OU PARA AS MASSAS?

## RESPOSTAS DE BERLIET JUNIOR

O entrevistado de hoje é um dos nossos mais talentosos autores de rádio. A série policial "Defensores da lei", escrita para o "Teatro Sherlock" do veterano "Programa Casé", deu-lhe renome bastante merecido. Criador de tipos humaníssimos, que falam como criaturas reais, Berliet Junior não é só o radiador policial tão festejado: a melhor prova deu-a ele na semana passada, com a bela peça "Maria Helcna", interpretada pelo homogêneo elenco do "Teatro pelos Ares" da PRA-9, proporcionando a Cesar Ladeira, Cordelia Ferreira, Tereza Costa e Plácido Ferreira a oportunidade de vivarem admiráveis papéis. Ai vêm as respostas de Berliet Junior.

P. — Para quem é o Radio: para a elite ou para as massas?

R. — Para a coletividade sem distinção de classes, devendo ser orientado com um pouco mais de interesse em relação às classes menos cultas.

\*\*\*

P. — O nosso Radio tem programas para a elite?

R. — "Universidade do Ar", da Nacional; "Noites de Ronda" e "Biblioteca do Ar", da Mayrink; "Romance da Semana", da Cruzeiro do Sul; a esmerada programação da Jornal do Brasil; e muitos outros.

\*\*\*

P. — Julga irrealizável uma programação que ao mesmo tempo interessa à elite e às massas?

R. — Não. A vontade, aliada ao fator artístico, responde de forma decisiva a esta pergunta.

\*\*\*

P. — O progresso intelectual do Radio Brasileiro corresponde ao seu progresso material?

R. — Nosso Radio evoluiu de forma admirável, caminhando a largos passos para magníficas realizações. Essa evolução, entretanto, continua dependendo de melhor entendimento entre os diretores das emissoras e o elemento comercial. Melhor compreensão entre ambos contribuirá esplendidamente para o aprimoramento das nossas transmissões.

\*\*\*

P. — Não acha que as emissoras lucrariam (e os ouvintes também) se acaba uma delas — ao invés de um diretor-artístico para todos os programas — contasse com vários orientadores responsáveis pela confecção das suas diferentes espécies de programas?

R. — Lucrariam muito. Inclusive um índice melhor de produção e uma consciente distribuição de valores artísticos.

\*\*\*

P. — Reconhece ser necessária a adoção do "Radiatro" (peças especialmente escritas para o microfone) em contraposição ao "Radio-Teatro" (peças adaptadas para o "broadcasting")?

R. — Acho mais fácil conceber que copiar. Portanto, em sã consciência, opino a favor das peças especialmente escritas para Radio.

\*\*\*

P. — Que pensa dos adjetivos conferidos pelos "speakers" aos artistas radiofônicos?

R. — Desperdício criminoso de energia elétrica... Resultado: sor-

risos penalizados de ouvintes sensatos.

\*\*\*

P. — Como encara a orientação das fábricas de discos, em face da nossa verdadeira música popular e da educação artística do povo?

R. — Os responsáveis pelas nossas fábricas de discos deveriam esforçar-se por melhor escolha de letras e melodias, encarando com rigor os versos, pobres de inspiração e às vezes de moral duvidosa, inconvenientes que contribuem para a deseducação artística da nossa gente.

\*\*\*

P. — Haverá um meio de tornar a publicidade radiofônica mais interessante para o ouvinte e mais eficiente para o anunciante?

R. — Talvez o consigam redatores competentes, que dêm menos ênfase e pedantismo aos textos. Os locutores, por sua vez, contribuiriam com o possível, apresentando a publicidade com um pouco mais de elegância.

\*\*\*

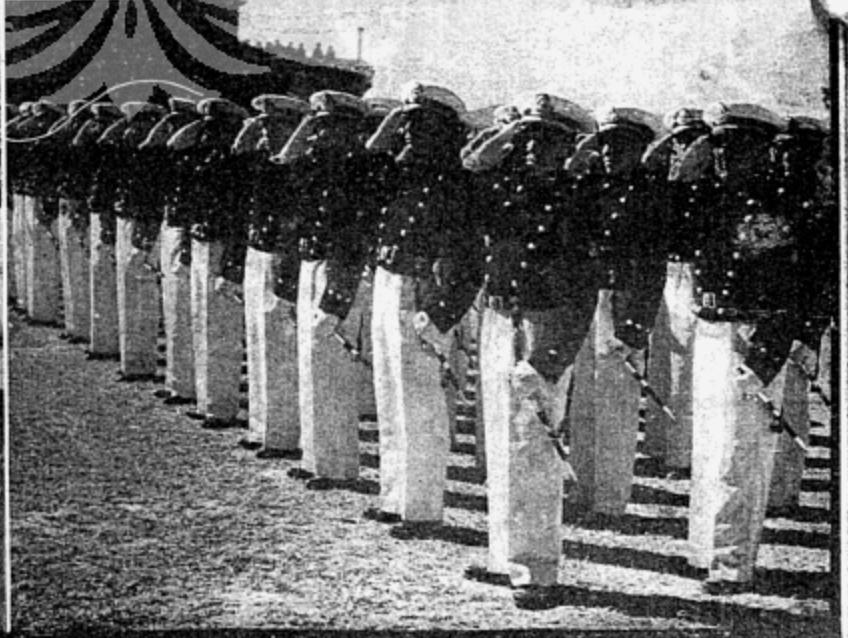
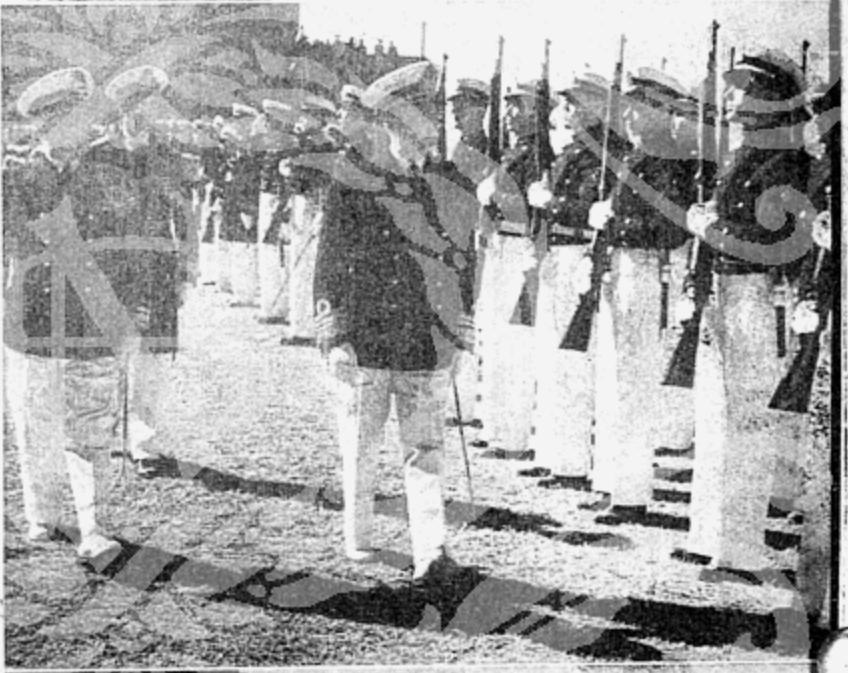
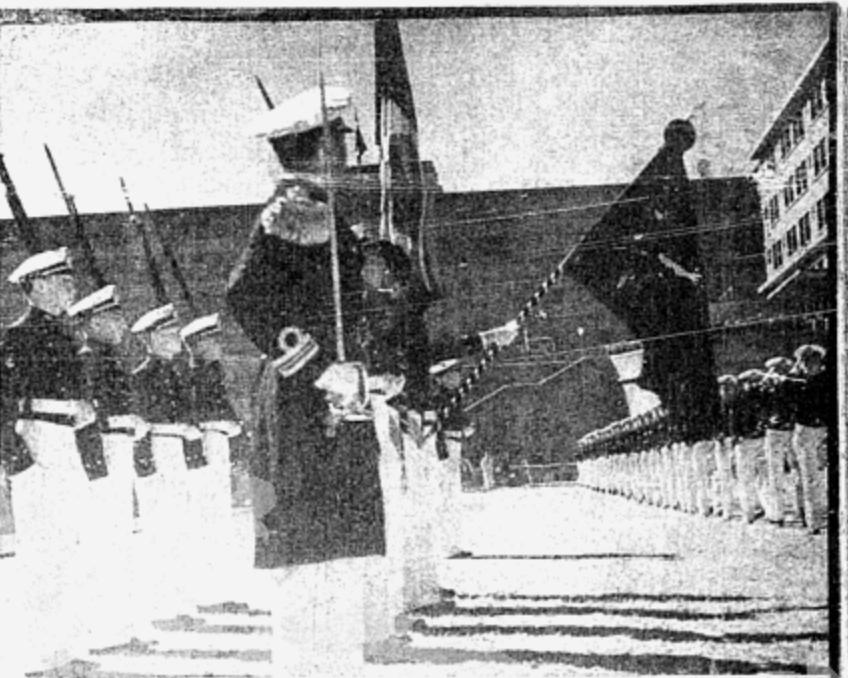
P. — Julga de interesse duradouro os programas feitos com a colaboração direta do auditório? Qual a diretriz que devem ter esses chamados "programas de auditório", para o agrado simultâneo dos ouvintes que nelas tomam parte e daquelas que os escutam de casa?

R. — Sim, com uma diretriz educativa, através de um processo recreativo interessante, que prenda toda a atenção do auditório presente e agrade sempre ao imenso auditório invisível: "Encyclopédia Popular", de Alzirio Zarur; e, quando aproveitar a colaboração do auditório, "A vida em perguntas e respostas", de Genolino Amado.



Berliet Junior

FON - FON



**11 DE JUNHO**

ESTE ano, como nos anteriores, a data máxima da Marinha de Guerra Brasileira foi festivamente comemorada, pelas autoridades civis e militares e pelo povo, que, em frente à estatua do Almirante Barroso, prestaram, ao herói de Riachuelo, as homenagens de que é merecedor. Nossa «cliché» focaliza aspetos tomados junto ao monumento da praia do Russell e na Escola Naval, onde o almirante Vieira de Mello, diretor do Ensino Naval, em companhia do almirante Alberto Lemos Bastos, diretor da Escola, passaram em revista os aspirantes e guardas-marinha.

## O CARTAZ DA SEMANA...

**F**ESTES dias claros, de céu azul e temperatura gostosa, fria e seca, facilitaram, devras, a parada de elegância que tem sido a vida ordinária da cidade. Não se veem, quasi, vestidos para mela-estação, o que é pena. A maioria é mesmo dos extremos; ou "short" ou casacos... Estamos na vez dos casacos. Como tudo vai, sempre, muito bem na mulher carioca, a gente olha e não vê senão a elegância das linhas... No "grill" neste ou naquele bar, escondidas atrás das vidraças, nos cinemas, nos ônibus ou nos automóveis numa fugida à cidade do princípio do século representada na Colombo ou na Ialet, elas aparecem lindas, encantando tudo com a sua graça infinita... E se a nossa certeza perde muito, resta-nos a compensação amavel da curiosidade insatisfatória que leva alguém a chamar, à mulher vestida, de um ponto de interrogação enrolado em seda...

\* \* \*

**E**M sua residencia, à Avenida Copacabana, num ambiente de grande cordialidade e fina distinção, o casal Dulce Pinheiro Machado, ministro, Interino, do Trabalho, ofereceu, na noite de segunda-feira passada, um jantar ao Chefe da Missão Militar Norte-Americana e senhora, general Lehman W. Miller, com a presença de varias figuras da sociedade, entre as quais foram notados o coronel Douglas H. Gillete, daquela Missão, senhor e senhora consul Mario Moreira da Silva, consul Manoel Pio Correia Junior e senhorita Marieta Pinheiro Machado. Ao seu gentilíssimo convidados o casal Pinheiro Machado comulou de especiais atenções.

\* \* \*

**C**OMO sempre sue acontecer, à ultima reunião do Comité Britânico, realizada na passada quarta-feira, compareceram destacadadas figuras da nossa sociedade e do corpo diplomático acreditado junto ao governo brasileiro. Lá estiveram, para fazer apenas um rápido e superficial balanço, as seguintes pessoas gradas: Sra. Jefferson Caffery, embaixatriz dos Estados Unidos; sra. Jorge Prado, embaixatriz do Perú;

embaixatriz Lucília Bueno; sra. Tadeu Skowera, ministra da Polónia; sra. Ministro da Holanda; sra. Pontes; sra. Carlos Guinle; sra. Otávio Simonsen, Baronesa do Bonfim; sra. Pinheiro Guimarães; senhor Wilson John; sra. F. Sampayo.

Os momentos gastos na benemérita obra de assistência a que se entrega o comitê são largamente recompensados pelo fim humanitário da campanha e o alto mundanismo de que sempre se revestem para encanto dos seus frequentadores.

\* \* \*

**O** homem das mil e uma idéias" tão ansiado e esperado pelos frequentadores do Palácio Encantado do Posto 6, estreou na noite de 6<sup>a</sup>-feira, com grande sucesso.

Seus numeros, de grande efeito, realmente, podem ser considerados como um dos mais sensacionais e temporada em curso nos poderá proporcionar.

\* \* \*

**E**STREOU, sexta-feira, com muito êxito, no Casino Copacabana, o celebre instrumentista de "jazz" norte-americano, Eddy Duchin e as famosas bailarinas "Abbots Dancers" que constituem a "grande atração" da estação, no momento.

**D**EZ e meia, mais ou menos, de uma noite triste. Agitado, ele andava, pelo "hall" do casino, ensaiando aquele diálogo que logo estabeleceria com ela pelo telefone da portaria...

— Como então você pede para eu ligar às 8 horas e planta-se no telefone durante duas horas e quinze, ouviu, duas horas e quinze...?

— ?

— Não é possível? Pergunte, se quiser, à secção de concertos se não reclamaram umas dez vezes, nestas duas horas, providências urgentes para o aparelho 38... Para que você não pense que sou imbecil di-lhe-ei apenas que o seu aparelho estava ligado... o que



me faz ficar farto de você. Aliás, não vou aí, agora, resolver essa parada porque receio perder a cabeça... Pelo telefone, por mais que me exalte, ainda posso exercer o controle dos meus nervos. Compreende?

— ?

— Tudo acabado? Não quer mais? Mas não é isso que eu estou pedindo... Olhe: precisamos falar com mais calma. Logo, ligarei novamente. Depois, sim, você fará o que quiser...

Bem dizia o velho e sádico "D. Quixote": *"o amor não olha respeitos nem guarda razões em suas palavras..."*

**H**A criaturas que irradiam uma tamanha simplicidade que a gente gosta delas sem mesmo saber por que. Aquela, é uma delas, sem dúvida. Desde a vez primeira em que ele a viu — e há muito tempo já — que nunca mais a encontrou sem agradecer uma sensação agradável. Assim foi naquela manhã em que ela tomou o ônibus, indecisa-se, por curiosa coincidência, no mesmo banco em que ele vinha lendo um livro qualquer... E tal foi a sua alegria de tê-la, embora por momentos apenas, bem perto de si, que não resistiu em lhe propor um encontro. Temendo uma recusa formal, empunhou a caneta e escreveu, como se estivesse anotando qualquer coisa sobre o livro que lia: Telefone, se lhe agradar, para (escrever um número que eu não consegui ler) e chame por... Se não quiser, é a mesma coisa. Mas fique sabendo que eu gosto de você." Curiosa maneira de fazer declarações amorosas, vocês não acham? Curiosa e fina...

**A**PESAR-DA sua impressão de que voltará um dia, por mais remoto que esse dia pareça, a vida dele, que a deixou partir sem tentar um gesto para retê-la ou uma palavra para dissuadi-la de se ir embora, sem destino e sem motivos, a verdade é que isso não poderá acontecer nunca, nunca, por vários motivos. La Rochefoucauld disse, uma vez, com a sua luminosa intuição, ser "impossível amar de novo o que verdadeiramente se deixou de amar". Ninguém pode saber se ela o deixou de amar, se chegou mesmo a amá-lo algum dia... Como quer que seja a verdade é que tudo indica o contrário, isto é, que o seu coração não se fez para o amor... E, pensando bem, a sua felicidade reside justamente nisso, na liberdade do seu coração... Será, que depois que essa liberdade se positivou, invadindo-lhe o corpo inteiro, ela chegou à dolorosa conclusão de que tudo no mundo não vale a pena de viver? Se assim foi, a volta será, realmente, a melhor maneira de envenenar a sua vida... E a vida dele, também, está clara.

EU...

*diretor e intérprete principal da sua querida companhia de vida, procura, também, viver a vida boa... Copacabana, portanto, sobre a nova Cidade seria interessante. E foi, como se verá:*

- Copacabana, que impressão lhe dá?
- Um paraíso... infernal!
- Que falta a Copacabana?
- Um teatro, ou melhor, uma "Pensão de D. Stela"...



FALA O BANHISTA...

**E**NTRÉ os atores nacionais da mais larga projeção, Jaime Costa — que é, de fato, um grande ator — sempre se distinguiu pelo arrojo das suas iniciativas como empresário... Começou o seu serviço com aquele cartaz enorme que fez colocar ao lado do palco em que trabalha: "Este teatro não tem claqué, Se gostar do espetáculo, aplauda, se não gostar, vai ou sapateie. Qualquer manifestação do público será bem recebida e acatada por todos nós." São esses os dizeres, se não me falha a memória. Ora, isso vale como um desafio... Ele, porém, tem ido mais longe: descobriu um pôrção de autores novos e continuou o serviço por um novo teatro. Até agora tem vencido, contra tudo e contra todos. Aí está o éxito, impar no ano, da "Pensão de D. Stela", — prêmio do S.N.T. — com as suas duzentas representações consecutivas! Para que mais? Jaime Costa, despindo as funções de comedias, deixando lá no Rival o "Nhônhô" boaventura, portanto, sobre a nova Cidade seria interessante. E foi, como se verá:

# Copacabana

se de melhor para uma moça, de educação aprimentada, vigorosa e um espírito forte, dentro de um ambiente desenvolvido? Não será a este conjunto que de beleza feminina?

Ai se acham enumerados os maiores predicados das quais não se conseguem facilmente, ou antes nem malheres de outrora.

Além, em que a mulher se apresenta como ideal para todas as atividades humanas, necessário seja, também, do corpo, pois a fraqueza não pode respeito e o dinamismo da vida moderna requer suas funções orgânicas, para não rívermos à mar-

essa era, Juremal, referir-lhe-se às mulheres, assim como as mulheres são atormentadas pelo desejo de que a mulher atual abandonou esta preocupação de-lhes, fornecendo os meios de resolver a questão das mulheres desde a época de Juremal! Sim, com suas palavras: Educação física.

Força decorrem naturalmente do desenvolvimento quando Herbert, as maiores aspirações da mulher, não é a languidez mórbida. A palidez e a fraqueza atributos da mulher bela. A educação física, da, não retira da mulher a beleza nem a graça, põe em evidência a harmonia das suas formas

de física, a mulher tem sempre a tristeza de ver a sociedade, constatar que a sua beleza foi efêmera e aproximou da doença.

Era, harmonia de formas, serão os predicados na E. N. E. F. D. vire ao ar livre, seguindo métodos da educação física feminina.



# Nacional de Educação Física





Roberto José, filho  
do casal dr. Jorge  
Araújo.

Carlos Fernando, filo  
lho do casal maço  
João Pereira Blan  
co-d. Maria Dafina  
de Carvalho Blan.



Sandra Maria, filha  
do casal Henrique  
Diniz-d. Maria de  
Oliveira Diniz.

Carlos Eduardo,  
filho do casal Carlos  
Guinle Filho.

## Crianças

FON - FON

28 - 6 - 1941

— 48 —





## DULCINA no CINEMA

Satisfazendo, em parte, a grande curiosidade reinante em torno do aparecimento da nova «estrela» do cinema brasileiro — que é por sinal a primeira figura feminina do nosso teatro — damos, hoje, novas cenas do celuloide feito por Chianco de Garcia, com argumento de Joracy Camargo.

Ao lado de Dulcina e Odilon, veremos um «cast» escolhido, onde reparam artistas consagrados como Conchita, Atila, Aristoteles, Laura Soarez, Oscarito, Sadi Cabral, Jorge Diniz e outros.

**C**ONFORME «Fon - Fon» teve a primazia de noticiar, há meses, ao público cenas do filme estrelado por Dulcina Morais, «24 horas de Sonho» deverá aparecer nos primeiros dias de julho.





**D**A'-NOS o cinema, pela primeira vez, um par de bons, de excelentes artistas, que nos têm empolgado em papéis difíceis de dramas da vida, fazendo agora comédia, mas comédia de verdade, comédia-cômedia, com situações cômicas que fazem as salas ecoarem com o gargalhar contínuo. Tal a posição criada, agora, para Bárbara Stanwyck e Henry Fonda, por Preston Sturges, o diretor artístico da Paramount. Eles são os heróis de "As três noites de Eva".

Bárbara é, aqui, a Eva, filha de um jogador e trapaceiro, vivendo com o pai a bordo dos "liners" que cruzam o oceano, mas vivendo dos incautos e papai-vos que podem explorar com os "flushes" e os "full-hands". E foi assim que ela encontrou Fonda, fazendo o papel de estudioso que vem da África, mas estudioso filho de milionário americano... Aplicam-lhe os métodos; mas não contava Bárbara vir a se apaixonar, e contava menos ainda que ele viesse a des-

cobrir quem ela era, pelo que se afastou. Mas Eva não se retira do campo da luta... E ei-la, em Nova York, a prestar partidas umas sobre as outras, e todas sobre o nosso herói. E, então, que vemos? Cenas em que não suporíamos capazes de ver uma Bárbara Stanwyck e um Henry Fonda! Cenas hilariantes, em que cada aparição de Henry é um tombo incerto, mas tombo daqueles que tornam crítica e cômica a posição do indivíduo — e tudo preparado por ela. E o filme de Preston Sturges corre todo ele assim, cheio de verve, de momento em que só há alegria e gargalhar. Dizem os críticos americanos que tanto a sra. Robert Taylor como Henry Fonda se portaram maravilhosamente bem no novo gênero quibiles deram. Em "As três noites de Eva" aparecem, ainda, dando maior força à comédia, Eugene Pallette, Charles Coburn, William Demarest e Eric Blore.



## NOTAS DE ARTE

(Continuação)

quando se realizava ao ar livre concorridíssima cerimônia religiosa, de que participavam muitos frequentadores de sarau e vespertino de arte, contribuiu bastante para que o número de ouvintes não corresponda ao valor incomum da intérprete. Isso, porém, não diminuiu a perfeição com que executou todos os números, mostrando mais uma vez que a grande pequena-pianista de 1926 — assim lhe chamamos então ("Fon-Fon" n. 1 de 21/1926) é hoje em 1941, uma pianista de escola, das mais notáveis pianistas brasileiras, e, a julgar pelas críticas platinadas maiores da América Latina.

FELICIA BLUMENTAL. — Em audição prévia, oferecida à imprensa e sob o patrocínio de "O Globo", apresentou-se ao público carioca na noite de Jovedia, 5º-f., 19 do corrente, no salão-nobre do Instituto Nacional de Música, a pianista polonesa Felicia Blumental, pertencente a uma família de músicos e de nomeada na sua tão grande quanto infeliz patrícia. Ouviu-la em os números deste programa, além de três ou quatro extras: I) SCARLATTI-TAUSIG — *Pastorale e Capriccio*; PADRE ANTONIO SOLER (1729) — 2 Sonatas: a) *dó sustenido maior*, b) *ré maior*; BEETHOVEN — 32 Variações em *dó sustenido menor*; II) CHOPIN — *Nocturno* op. 27, n. 2; 2 *Mazurcas*: op. 30, n. 4 e op. 67, n. 4; *Valsa* op. 64, n. 2; *Scherzo* em *dó sustenido menor*; III) KABALEWSKI — *Sonatina*; SOSCHTAKOWISCH — *Polka*; MONWISZKO-MELCHER — *La Fileuse*; ITIBERÉ DA CUNHA — *Prelude*; VILLA-LOBOS — *Polichinelo*;

Apesar de certo nervosismo inicial, a pianista revelou-se imediatamente notável artista do teclado. Em todas as execuções, a par da técnica invulgar sobressaiu a sensibilidade radiante da intérprete, uaisquer que sejam as restrições a se lhe farem quanto à elegância, ao equilíbrio, às qualidades de sentimento expressivo do seu tocar, o certo é que em tudo sempre sobrasai a alma inquieta da artista anciando por transmitir as emoções que ela própria experimenta através de cada composição. Sentindo tumultuarialmente o que toca, transmite-o também com tumulto, mas o faz sem infringir essencialmente as regras da arte; realiza a ordem com a desordem musical. Dá-nos por isso original impressão de beleza.

Entre todas as peças ouvidas, são de assinalar-se distintamente dois primores interpretativos: *Pastorale e Capricho* de Scarlatti e *Scherzo* de Chopin. O poemeto de Scarlatti pareceu-nos executado por uma cravista, tal a perfeição com que a executante traduziu



● Experimentado previamente por centenas de damas brasileiras, que o receberam com entusiasmo, o Leite Hinds é uma criação admirável para a limpeza da pele. Refresca, suaviza e protege a cutis, combate espinhas, cravos e outras imperfeições. É aconselhado como desodorante. É de aplicação rápida e simples. É também excelente base para o pó de arroz. Use-o, para maior realce da sua beleza.



(Conclue pag. 53)

## **E U E T U**

*Seremos eu e tu. Unicamente.  
Para nós, nisso, o mundo se resume.  
Eu e tu, meu amor, já se presume  
que é passado, futuro e que é presente.*

*Tu e eu. Tudo o mais é indiferente.  
Tudo o que hoje existir, ou vir a haver,  
não partindo de nós, querida, assume,  
aspecto de impreciso e inexiste.*

*Eu e tu. O universo gira, inteiro,  
sobre esse eixo constante e imensurável.  
Eu e tu são o último e o primeiro.*

*Por que destino superior e santo,  
eu e tu, meu amor, no mundo instável,  
sendo só eu e tu, valemos tanto?*

HAMILTON ELIA

## **NOSSA CAPA**

→ Móde "TOUTEMODE" Reg. 2.3753



WANDY BARRIE oferece hoje um singular modelo para as amadoras dos esportes. A blusa é talhada em estilo camisa, e ajustada à cintura com pensos; a saia enviezada e as mangas amplas, unidas ao pulso com um punho. Executado em crepe branco, completado com cordão em volta da cintura e botões de galalite azul, forma um belo conjunto.

As Academias "Toutemode" executam moldes por qualquer figurino ao preço de 5\$000. Os modelos publicados por FON-FON gozam de um abatimento de 50 %, isto é: 2\$500. (Pelo correio 3\$000.) Envie o cupom anexo, com as suas medidas, e obterá um molde talhado com primor.

## **O Modelo da Semana**

JOAN LESLIE, da Warner Bros, oferece às leitoras de FON-FON este interessante modelo. Indicativamente de grande originalidade e muito próprio para a presente estação.

## NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

estilo personalíssimo do mestre italiano, numa obra escrita originalmente para o cravo e apenas transcrita para piano. O de Chirpin, a obra-prima de todas as execuções. Sublimou-se o gênio pianístico da intérprete. Felicia Blumenthal deslumbrou e encantou, interpretando com arte ímpar um dosdoso mais belos dramas musicais, que são, apesar do seu nome e da sua forma, os Scherzo do "poeta do piano". Produziu-nos e ao auditório então o frison das mais raras e inesquecíveis emoções. Bastava essa interpretação excepcional, para dar a medida do alto valor da artista, colocando-a no rol, sinão das maxximas, das grandes musas do teclado, que temos ouvido e aplaudido.

O numero e o fervor das ovacões correspondeu à valia da artista. Chamada e rechamada várias vezes ao tablado tocou ainda numeros vários que lhe valeram mais numerosos e entusiasticos aplausos.

OSCAR D'ALVA

## A MAIS ANTIGA DAS ARTES

O homem das cavernas esculpia e pintava. Antes dessas manifestações artísticas, porém, a escultura e a pintura sobre o corpo humano, isto é, a arte do maquilhagem feminino, já existia, desde que houve o homem e, diante dele, desejosa de conquistá-lo, a mulher.

As escavações arqueológicas mostram constantemente a que variados meios recorría a mulher para se embelezar. Nos sarcófagos egípcios encontra-se, com as mumiias de rainhas e de damas ilustres, todo o instrumental então usado. Unguentos à base de antimônio para as pálpebras, óleos e preparados para os cabelos, perfumes e incensos. E tudo com a indicação para o uso, em hieróglifos explicativos. Sem falar que, já naquelas épocas, se usava pintar os cabelos. A rainha egípcia Hatiora foi encontrada com os cabelos louros.

Vê-se aí que a preocupação com a beleza pessoal feminina é das mais antigas e das mais justas... E mesmo na antiguidade, o banho e a limpeza do rosto com água e sabão, já eram compreendidos. Os gregos e os romanos cultivaram-nos com carinho. De fato, esse é o capítulo número um da higiene pessoal: a beleza através da limpeza, que exige, porém, sabonetes de extrema pureza, como o Gessy, que é feito de preciosos óleos da nossa flora.

*Felicia Blumenthal*

LHE FALTARÃO ADMIRADORES...



Proteja a beleza de sua cútis com o uso constante do Sabonete Gessy. Feito de puríssimos óleos da flora brasileira e perfumado com um fino "bouquet" de essências naturais, Gessy remove a maquilhagem e os resíduos cutâneos, limpa e desobstrui os poros, sem afetar as funções vitais da pele. Gessy é econômico porque produz muita espuma e rende mais.

**GESSY** SABONETE

**UM \$1,500**

Diversa-se, ouvindo o programa Gessy com Nhô Teto, todos os dias, de 2.a a 6.a feira, através da Rádio Mayrink Velga (Ribeirão Preto), às 19:00, e da Rádio Cultura (S. Paulo), às 18:30 e 22:15.

SUAVE E PERFUMADO ATÉ O FIM



A festejada cantora patrícia Letícia de Figueiredo, ornamento da sociedade carioca e figura destacada dos nossos meios musicais, foi a gentil interprete do recital de música argentina, de caráter popular, que a Associação de Artistas Brasileiros levou a efeito na Escola Nacional de Música. O êxito desse lindo festival foi completo, constituindo mais uma vitória magnífica da arte sugestiva, inspirada e cheia de encanto da brilhante cantora e musicista patrícia que recebeu os mais calorosos aplausos da seleta assistência que a ouviu.



Bibi Ferreira e Paulo Magalhães, «estrela» e autor de «A cigana me enganou», a comédia que a Companhia Procópio Ferreira está representando, no Teatro Serrador, com sucesso sensacional.



Aspecto do almoço que o interventor do Pará e o presidente da Associação Comercial ofereceram aos amigos da «hevea brasiliensis», no momento em que falava o acadêmico Oswaldo Oríco, vendo-se, entre o dr. Quirino de Moraes e Ary Kerner, o presidente daquela Associação paraense.

PERFUME

# Harpa

de GALLY

COLONIA  
Nº 1800  
1802-F.

LOCÃO  
Nº 1820

EXTRATO  
Nº 1810

T. TARQUINO

Persistente como a saudade  
Agradável como a musica.  
Volupiuoso como o amôr!

A VENDA EM TODO O BRASIL



REALIZOU-SE na Catedral Metropolitana, sob a presidência de sua eminência o cardeal d. Sebastião Leme, a cerimônia da sagrada de d. frei Henrique Golland Trindade, novo bispo de Bomfim, na Baía. Altas figuras do clero, representações de ordens, irmandades e associações religiosas, companheiros de hábito do novo prelado e pessoas gradas assistiram à expressiva solenidade, de que o nosso «cliché» focaliza dois aspectos, vendo-se num deles, o cardeal d. Sebastião Leme.

# Não Descuide Uma Tosse ou Um Resfriado

Perigosas enfermidades que põem em perigo a saúde e a vida, começam por uma simples tosse ou resfriado. Estes males, embora pareçam sem importância, devem ser tratados com todo o cuidado para que não se agravem de maneira a causar sérios aborrecimentos. Todas as affecções do apparelho respiratorio, uma simples gripe, bronchite ou resfriado, precisam de um remedio rapido e efficaz. O Xarope São João é o indicado para estes casos. É um remedio de sabor agradável, para moços, velhos e crianças.



## Xarope São João

Lab. Alvim & Freitas — São Paulo

## BRASIL DOS NOSSOS DIAS

Rio. — D. I. P.

ESTE volume encerra a visão panorâmica do Brasil dos nossos dias, governado pelo patriotismo elevado do Presidente Vargas, a singular figura de estadista que honra a América, numa afirmação decidida dos seus glórios destinos. Não é lícito desconhecer, agora que o Estado Novo é a resultante de um imperativo histórico admiravelmente aproveitado pelo Presidente Getúlio Vargas e que, ao ser fundado, teve o apoio incondicional das forças armadas e do povo. Homem de energia inquebrantável,



Mais dois jovens, pertencentes à alta sociedade sergipana, acabam de contratar casamento. Trata-se do sr. Terencio Roberto de Carvalho Neto, da Administração do conhecido respertino "A Notícia", que contratou casamento com a senhorita Clara Prata, gracioso ornamento da sociedade de Anápolis, em Sergipe, onde se destaca pelos seus dotes de educação e fidalguia, aliados ao prestígio da tradicional família a que pertence.

Getúlio Vargas sentiu a necessidade de salvar o Brasil do caos político, e não hesitou um instante em fundar o Estado Novo, cujas diretrizes marcantes seguem o seu rumo, para o bem da nação. A obra já realizada ali está, e não pode ser negada. Ergue-se o Brasil na posse de si mesmo, e para tanto bastou apenas a prática de um nacionalismo sadio, que deu a conhecer ao brasileiro toda a exuberância da sua força.

A nação que trabalha, prestigiando o seu grande Presidente, colhe os frutos da política nova e marcha feliz num ambiente de paz absoluta.

O presente volume concretiza a ação do Estado Novo, ação que está nos diversos capítulos que enumeramos: *A Nação e o Exército; O culto do passado; O Estado e a cultura; O Município fundamento da realidade brasileira; Reconstrução do Estado; A saúde do povo, problema do Estado; A renovação da administração; O Código de Minas e a riqueza do nosso subsolo; A defesa das fronteiras; A nacionalidade brasileira; As leis sociais; A arte e o regime; Dar terra aos brasileiros; A renovação do processo histórico brasileiro; O processo de elaboração legislativa e A Constituição de novembro.*

MARIO POPPE

LEIAM os romances de "FON FON", que se encontram à venda na Empresa "Fon-Fon" e "Selecta" S. A.. À rua da Assembléa, 61.



FRANCISCO LOPES, que é herdeiro do nome de um brilhante poeta — José Lopes — acaba de publicar o seu primeiro livro de versos, sob o título despretensioso de — "Recordações". Mas, nesse volume, encontramos o desabrochar de um formoso talento poético. Como se pode prever, Francisco Lopes nos conta, nessas páginas golpitantes de emoção — e na linguagem melodiosa dos seus poemas — toda a história sentimental de sua vida. O que torna, portanto, o seu livro particularmente impressivo, é seu tom de sinceridade pungida.

## O Laboratório Nacional de Análises e o Óleo de Fígado de Bacalhau.

O caso do óleo de fígado de bacalhau tem abalado a opinião pública. Várias vezes os jornais têm noticiado falsificação e por isso o público se enche de desconfiança ao adquirir este produto.

Ultimamente, Scott & Browne, Inc. of Brasil receberam uma partida de óleo de fígado de bacalhau para a venda ao público e para fabricação dos seus produtos *Emulsão de Scott* e *Unguento de Scott*.

Assim sendo a fiscalização da Alfândega pediu análise do produto, tendo o Laboratório Nacional de Análise se manifestado nos seguintes termos:

"(Armas de República) — Ministério da Fazenda. Laboratório Nacional de Análises. — Recebido em 4 de Dezembro de 1940. Parecer em 23 de Janeiro de 1941. Análise 112 — Visto. O Diretor — Galvano Ramos. Resultado da análise procedida na amostra que acompanhou a representação número 51.305 — do Sr. Jugurtha Couto, datada de 29 de Novembro de 1940, dirigida ao Snr. Inspetor da Alfândega do Rio de Janeiro e enviada a este Laboratório. Esta amostra veio contida em um frasco de vidro trazendo os seguintes dizeres manuscritos, "Representação número 51.305 de 1940. Amostra. Despacho número 69.046 de 1940. Scott & Browne, Inc. of Brasil. Armazém quatro. 29 de Novembro de 1940. Jugurtha Couto. A análise demonstrou que a referida amostra representada por líquido amarelo, de cheiro especial, é de óleo de fígado de bacalhau. Rio de Janeiro, 25 de Janeiro de 1941. Assinado: — Dolly E. S. Ribeiro Rosa, técnico de laboratório, integrina".

Nenhuma outra prova é mais categórica e oportuna que esta certidão.

Resta apenas o consumidor, para sua segurança, exigir o produto de sua confiança, que é garantido pela famosa marca do "homem com o bacalhau às costas".

*Dos 17 aos 45... cada mulher recebe 40.880 beijos*



*Sempre recebem mais beijos as que usam BATON COLGATE...*

 É natural! São sempre mais beijáveis os lábios que o Batom Colgate torna maravilhosamente expressivos, cheios de vida e encantos! O Batom Colgate dá uma mágica aparência de mocidade... e irresistível sedução! Sabe por que? Porque o Batom Colgate é feito de Karanuva, o sensacional emoliente embellezador dos lábios!

 Torne os seus lábios beijáveis... dê-lhes uma cor viva e atraente, com Batom Colgate. Procure-o hoje... e não deixe de experimentar a nova e sensacional cor que está em moda: Vermelho Amazonas, de Batom Colgate.

**IMPORTANTE!** Assim como um grão de arroz cresce na água, as suas partículas dilatam-se também com a humidade da pele, provocando a dilatação dos poros. O novo pó para rosto COLGATE finíssimo e delicadamente perfumado, não contém uma só partícula de arroz.

**BATON  
COLGATE**

**Colgate**



# FON FON

*Feminino*

Desenhos de

DIREÇÃO DE HÉLÈNE

... interessante modelo para os dias frios, à guisa de "deux-pièces", feito em fina lã ou jersey de lã negro, debruado com cadrilho de seda preto. Botões cobertos da mesma lã.

O belo chapéu de antílope verde-claro com bonito ramo de flores de vários tons bem combinados, complemento de uma "toilette" para a noite.

Variações do primeiro modelo, com farto véu de seda que amarra sob o queixo. Ainda como ornamento deste mesmo chapéu superímos duas grandes penas de cores vivas.



Vestido de seda fosca e leve, marron-ferrugem. Saia tendo na frente um grupo de franzidos que lhe dão amplitude. Pequena pala na frente do corpo. Gola esporte e botões cobertos da mesma seda.

Modelo para execução em jersey de lã verde-escura. Grupos pregueados na frente do corpo e da saia. Gola de justão de algodão branco, engomado.



Gracioso costume de lã de dois tons contrastantes: marron e verde pistache, preto e azul-pastel, ou "bordeaux" e côn de areia. Blusinha de seda branca com pastilhas no tom da saia.

*Costume de lã negra. Saia enviezada com duas costuras apenas. Paletó com três botões masculinos e bolsos cortados. Echarpe de gaze branca ou de lom pastel.*



*Costume de lã azul-escuro. Saia enviezada. Casaco com largo debrum de setim negro. Botões da mesma fazenda tendo ao redor um estreito debrum de setim.*



*"Manteau" de lã branca ou bege-claro, "en forme", com 3 grandes botões fantasia de cristal branco. Echarpe de gaze vermelha.*

Bonito pijama de seda azul-hortensia com ligeiro bordado na gola e nos bolsos.

"Robe-manteau" d. "fall" cereja. Saia formando farts "godets", presa acima da cintura. Corpo ligeiramente franzido na frente e costas. Bárba da manpa e do "robe-manteau" com duplo vico terminando com estreito "roulé".





*Graciosa camisola de setim-“lingerie” azul-acinzentado. Pala reta prendendo franzido na frente e costas. Saia enviezada e mangas “boufants”.*



*Para as noites frias, interessante camisola e capuz de finíssima flanela estampada de fundo claro. Guarnições de estreitos babadinhos plissados de seda no tom do fundo.*

## DEIXE-ME LER SUA MÃO...

(Conclusão)

resses secretos. E creio que é por isso que dificilmente as minhas revelações se deixam de realizar. Com desgosto, ouço amigos me dizerem, "Infelizmente, tudo o que vorá me disser o passado, se verificou com a maior exatidão."

Sugestão? Impressionabilidade, opinas? Não sei. Isso é o que me dizem muitos.

4º — Sinto, no entanto, que se eu comercializasse essas previsões, deixaria de ser exato ou me tornaria suspeito. Porque o dinheiro, se não perverte, anula um pouco a liberdade da consciência.

Não tendo interesse em agradar os meus clientes, eu me sinto perfeitamente à vontade para ser franco, exato, imparcial, — e exigir (no terreno moral, é claro) que o interessado saiba ser grato, na razão direta do valor do abséquio recebido.

Eis por que não desejo ser considerado quiomante...

NENA (S. Paulo). — Escreve v. ex., no seu bilhete:

"Sr. Yves. Saudações. Desejando saber algo de minha vida, futura, envio-lhe as minhas impressões palmares e peço-lhe o grande favor de estudá-las si as mesmas se prestarem.

Aguardando sua resposta envio-lhe os meus agradecimentos.

Pode usar o pseudônimo — Nena".

As suas impressões (com a cedilha, "D. Nena") são dois borões.

Se me fornecer outras melhores farei o que me pede. :

SAUDADE (Baía). — Aqui vai a sua missiva:

"Saudade" (Est. da Baía). Sr. Yves. Sempre desejei escrever-lhe, e também enviar-lhe minhas impressões palmares.

Acompanho há muito, "Deixe-me ler sua mão". O Sr. é tão franco; gosto de ler as suas respostas. Tenho um grande desejo de saber o que revelam as linhas das minhas mãos.

Se não é exigir muito de sua bondade, julgo que ficaram pessimos, mas conto com sua boa vontade.

Infinitamente grata. — Saudade".

Antes de tudo: as suas provas são dois borões. Não se prestam a estudo.

Qual é sua Idade?

A de sua cabeça!...  
Ninguém é mais jovem  
que seus próprios ca-  
bellos... Principalmente as senhoras.

Cabello sem vida, opaco e escasso,  
significa velhice, embora se tenha vinte  
anos... Cabello vivo, abundante, bri-  
lhante, é juventude — embora se tenha  
cincoenta!...

Uma fricção diária com TRICÓFERO  
DE BARRY, antes de pentear-se, não só  
dá brilho e maciez ao cabello, como de-  
fende-o contra a caspa e evita o encane-  
cimento prematuro e a calvície.

Em todas as idades — da infância à ve-  
lhice — TRICÓFERO DE BARRY é re-  
comendado para amaciá-lo o cabello, faci-  
litar-lhe o penteado e evitar-lhe a queda.

**Tricófero de BARRY**

Direi, no entanto, que, pelo seu caráter, terá dificuldades em vencer.

Vejo que é uma criatura inclinada aos atos de natureza puramente material, devorada por sentimentos secundários.

Junte-se a isso, o seu forte egoísmo, uma dose elevada de pretenção e a faculdade de trair, pela dissimulação e a má fé. De resto, a sua fatuidade arrogante, completa o quadro negativo onde o seu caráter se apresenta.

Queira mostrar esse retrato psicológico a uma pessoa insuspeita e de sua confiança. E certamente, ela lhe dirá: "Está ótimo, 'Saudade...'"

M. L. H. F. (Capital). — Pela segunda vez, informo que a resposta que lhe devo é puramente confidencial. Não será por meio de uma revista que lhe diga o que deseja saber.

A culpa não é minha. A minha boa vontade não pode ir mais longe.

Não é preciso agradecer coisa alguma.

Eu me sinto à vontade em ser útil a alguém. Mesmo porque, há certos benefícios que num vago muito obrigado", ou um "aceite a minha eterna gratidão", meramente epistolares, ou mesmo o dinheiro, não resgatam nunca.

Os benefícios espirituais devem ser desinteressados. Do contrário nada valem.

Entretanto, agradeço a confiança que em mim deposita, fornecendo-me o seu endereço particular.

BONECA DE TRAPO (S. Paulo). — Em questões de amor eu não me meto. As alheias não me interessam nada. Isso é com as macumbas...

O resto é de caráter reservado.

Mesmo que eu desejasse atendê-la, não poderia fazê-lo. V. ex. não me mandou o coupon com os detalhes indispensáveis a um estudo criterioso.



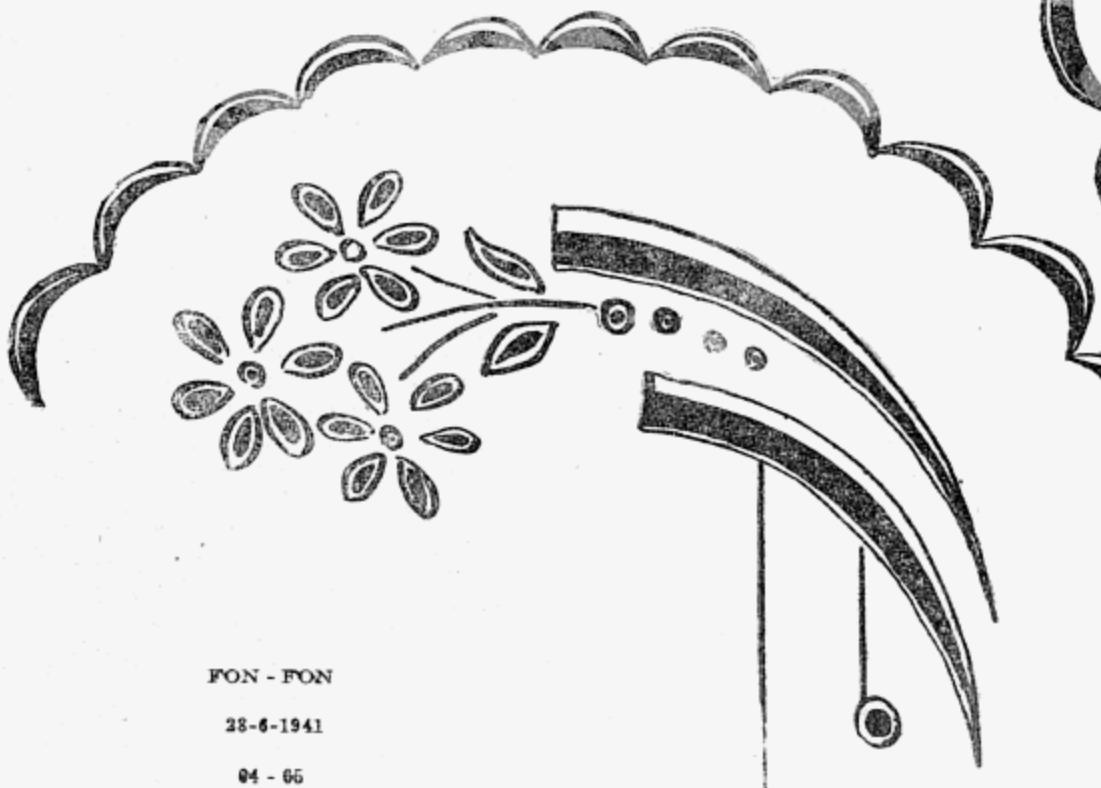
VISITEM A SEÇÃO DE

**TRABALHOS RISCADOS  
DO PARC ROYAL**

A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL  
RUA RAMALHO ORTIGÃO, 33 — Rio

Onde encontrarão o maior sortimento de pano riscados e começados — Secção de ampliações e riscos para enxovals de noivas e cotigais — Ensina-se gratuitamente os pontos de bordados.

*Original jogo de quarto, em bordado inglês, para ser bordado com linha C. B. n. 8, nos tons de bege ou branco. Fornecemos o jogo riscado em tecido granité, um oval e dois redondos, a 4\$500.*



FON - FON

28-6-1941

04 - 66



# Culinária de bom Gosto



**SOPA SERTANEJA:** — Ponha num caldeirão 1 rabada partida em pedaços e faça tostar com manteiga e cebola picadinho. Junte 2 cenouras, 1 óleo-paró, cheiro, sal, e cubra com água. Deixe cozinhar lentamente, até que a rabada fique se desmanchando. Retire a carne da rabada, desfie e guarde. Posse o caldo pela peneira, junte o juntar a rabada, 1 colice de vinho e sirva-a quente.

**SANDWICH DE SARDINHA:** — Bata muito bem 2 gemas frescas, junte 1 colherzinho de sal e vá juntando 1/2 chicara de azeite, do melhor, gata a gata para principiar e depois deixando-o cair por um fio e sempre batendo fortemente com o batedor. Adicione então 1/2 colher de caldo de limão e continue a bater, deixando azeite, sempre por um fio, até ter empregado outra 1/2 chicara. Junte, batendo sempre, 1 colher de molho de tomate e um pouquinho de mostarda ou molho inglês. Se ficar muito mole, continue a bater, juntando mais um pouco de azeite. A este molho de mayonnaise misturaram-se as sardinhas de duas latas, depois de desmanchadas. Deite esta massa sobre fatias de pão branco, de fôrma, cortadas no formato desejado. Enfeite os sandwiches, com azeitonas picadas e pepinos de conserva.

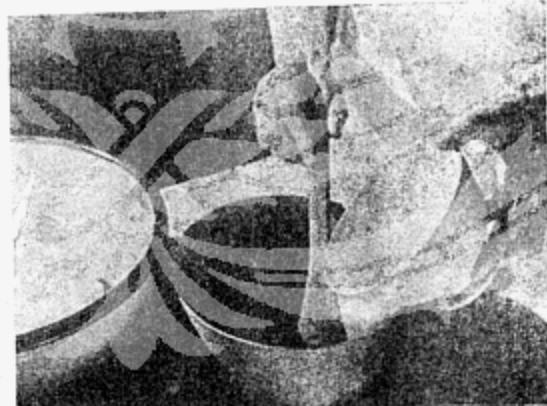
**BATATAS ASSADAS:** — Escolha 12 batatas grandes, passem-as na água, enxugue-as bem e leve-as a assar no forno. Estando assadas, descasque-as, corte os dois tâmpos para que fiquem de pé, como se fossem potes, e com uma colher pequena retire um pouco da polpa do centro, sem que prejudique o feitio das batatas. Amasse essa polpa retirada, com manteiga, 2 gemas cruas, 1 pitada de sal e outra de noz-moscada. Encha os buracos feitos nas batatas com essa massa. Bata as 2 claras em neve, com uma pitada de sal e casca de limão e bote como suspiro sobre as batatas, levando-as a dourar no forno.

**CAMARÕES EMPANADOS:** — Lave bem 3 duzios de camarões grandes e deixe-os a fervor por 2 a 3 minutos; passe-os opós em água fria e descasque-os. Depois de batido 1 ovo e misturado a 1 colher de água e 1 colherzinha de sal, mergulhe nele os camarões, passando-os depois em farinha de rosca e então frite em gordura bem quente. Sirva com um prato de legumes feitos na manteiga.

**FATIAS DE PEIXE COM QUEIJO:** — Cozinhe um peixe grande, de carne tenra e pouca espinha, em água, temperos e bastante manteiga. Da vez em quando regue-o com colheradas desse caldo. Depois de perfeitamente cozido, corte-o em postas grossas e iguais. Coloque-os sobre fatias quadradas de pão torrado. Cubra com um creme feito de queijo picado, derretido em 2 colheres de manteiga e 3 colheres de leite. Sirva imediatamente e bem quente.

**PUDIM DE ASPARGO** — Depois de haver lavado um quilo de batatas, deposite-as em água a fervor e deixe que cozinhem. Quando estiverem bem tenras, retire-as do fogo, descasque-as e corte-as em pedaços. Passe-as pela peneira e junte à massa 1 colher de farinha de arroz, 4 gemas, 6 espargos cozidos e, por ultimo, 4 claras batidas em neve. Despeje em uma forma redonda que tenha uma cavidade no centro untada e polvilhada de farinha de rosca. Conserve no forno até que se solte da forma. Retire-a um pouco antes de servir, e, depois de ter esfriado durante alguns minutos, vire sobre uma travessa, cobrindo-a com o seguinte molho: Adicione 1 copo de leite a 1 colher de manteiga e 1 de farinha de trigo. Junte 4 ovos cozidos, cortados em rodelas. Despeje por sobre o pudim, enchendo o centro e deixando que escorra para a travessa, simetricamente.

Em cima coloque alguns espargos cozidos e passe os em manteiga quente.





(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

E, então, eis o que viu Capestang: — arrumados contra a parede, cincuenta arcabuzes e cincuenta lanças; na haste de cada lança estava amarrado um sólido punhal; à coronha de cada arcabuz estava amarrada uma pistola de combate.

— Ah! ah! — disse Capestang. — Contrabando de guerra!...

A um canto, sobre telas que tiveram o cuidado de estender sobre o ladrilho, amontoavam-se bem arranjados vestuários completos — trajes da guarda real!...

Capestang examinou a primeira couraça de búfalo que encontrou — espécie de couraça de couro fulvo que se vestia por cima do gibão, em certas circunstâncias em que a couraça de ferro seria pesada demais ou incômoda.

— Guerra das ruas! — murmurou Capestang, empalidecendo.

No peito e nas costas da couraça havia um L (Luiz) encimado pela coroa real e cercado com dois galhos de louro.

— O monograma real! — murmurou, pela terceira vez, Capestang.

— Diabo! — disse Cogolino. Será este fidalgo contrabandista algum agente do rei? Quererá Sua Magestade frustrar suas próprias rendas?

Capestang não respondeu. Contava febrilmente as roupas, depois os arcabuzes e as lanças.

— Cinquenta! — disse ele — Eis aqui com que armar cincuenta guardas!

— Nunca Sua Magestade será tão bem guardado! — observou Cogolino. — Que? Que tem o senhor?...

Capestang andava de um lado para o outro, com gestos furiosos. Às vezes dava uma exclamação. Seus olhos relampejavam. O braço executava molinetes ferozes.

— Contra quem será? — disse Cogolino, refugian-do-se atrás de sua pilha de roupa. Senhor cavalheiro, o senhor parece tal qual o Capitan que eu vi na feira de Saint-Germain, quando ele se preparava para combater...

— Tu também! — exclamou Capestang, estacando de repente.

— Como eu também?... Misericordia, terá o senhor a atenção de atacar-me!...

— Imbecil! — rugiu Capestang. — Não vês que eu os tenho em meu poder?... Cala-te! Nem uma palavra! Voltemos às nossas aguas-furtadas e façamos boa guarda! Não nos mexamos mais. Tu não sairás senão para ir buscar comida... E os cavalos?... Será preciso procurar um canto onde não possam ser descobertos; ou antes, ouve: vais levá-los ao mais próximo albergue e alojá-los por oito dias. Quanto a nós... Cogolino, está feita a minha fortuna desta vez!

— Ainda bem, senhor — disse Cogolino. — Mas devíamos ir alojar-nos no "Ramo de Ouro", perto do

Louvre! Dissecam-me que a comida é muito boa, e vêla estar feita a nossa fortuna...

— Cala-te! — exclamou Capestang, que recomeçou o seu molinete, os seus desafios, atitudes ferozes, como se estivesse combatendo contra cincuenta inimigos.

Tudo se executou como acabava de dizer o cavalheiro. Os cavalos foram postos na cocheira do albergue do "Bom Encontro", distante uns cincuenta passos, de modo que estavam à mão em caso de necessidade urgente, estando-se livre deles por enquanto: Capestang e Cogolino instalaram-se nas aguas-furtadas como se nunca devessem sair de lá. Cogolino saía somente à noite para ir buscar víveres.

Passaram-se cinco dias. Cinco dias mettais, durante os quais Capestang teve mil vezes a ideia de abandonar a guarda que tinha imposto a si mesmo. Porque quem provava que não ia durar um mês ainda, ou mesmo mais?

Na noite do quinto dia ele não se conteve mais e decidiu que no dia seguinte abalaria. Nessa noite Capestang não dormiu.

— Cinco dias perdidos! — exclamou ele. — Disse a Gisela que ia partir em sua conquista, que revolucionaria Paris e o reino! E há cinco dias que vivo delitado sobre esta palha. Ah! Capitan! Miserável Capitan!... Parace-me que cheiro a feno! Deveria comê-lo, já que me tornei um burro, um verdadeiro burro!

Entretanto, mordia os punhos.

Nesse momento eram cerca de onze horas. O silêncio era absoluto, as trevas profundas. Capestang sacudiu Cogolino, que dormia, e disse-lhe, furiosamente:

— Vai buscar os cavalos! Não esperarei até amanhã! Nesse instante percebeu o leve ruído de uma porta que se abre. Escutou, palpítante. A porta que se abria era a do albergue!...

— Enfim! — exclamou o cavalheiro. — Ai vêm eles!...

\* \* \*

— Estão subindo às aguas-furtadas! — disse Cogolino, muito baixo.

Sacou o seu punhal. Estavam ambos de pé, ambos inclinados, toda a sua atenção concentrada no ouvido.

Era verdade. Alguém subia. Cogolino mostrou o seu punhal. Capestang sacudiu a cabeça, segurou o seu escudeiro pela gola, arrastou-o para o canto mais distante das aguas-furtadas, achatou-o, deitado de barriga para baixo no solo e deitou-se também, atrás de alguns moelhos de palha...

Nesse momento as aguas-furtadas iluminaram-se um pouco. Capestang levantou a cabeça de leve e viu uma cara emoldurada na trapeira que dava para o patio e onde começava a escada do lado de fora. Essa escada,

(Continua na pag. seguinte)

## CAPITAN

(Continuação)

como em muitos albergues, era para o serviço dos quartos. Comegava no pátio, subindo obliquamente ao longo de uma janela da sala comum e dava numa galeria que circundava o primeiro andar. Daí ela recomeçava a subir até uma segunda galeria; depois, um último lance ingreme terminava na trapeira das aguas-furtadas.

O homem que Capestang acabava de avistar entrou nas aguas-furtadas e deu alguns passos levantando a lanterna. Capestang sentiu um suor frio correr-lhe pela testa; a mão apertou o cabo do punhal e teve este pensamento, que iluminou o seu cérebro como um raio lúgubre:

— Tanto peor! Se ele me descobrir, é homem morto! Felizmente par ele, e sem dúvida também para mim Capestang.

O homem parou no meio das aguas-furtadas, fez a luz refletir-se nos cantos, e depois se retirou, dizendo:

— Ninguem! Bom!

Capestang, aliviado, respirou:

— Corbacque! — pensou ele. — Terrei medo de derramar algumas gotas de sangue, eu que já dei não sei quantos golpes com a minha espada?

Sim, ele tinha pena, apesar-de julgar-se muito feroz. Os golpes de espadas dados ou apanhados no combate, no duelo... isso sim! A punhalada nas costas, à falsa fé, fazia-lhe medo — e consideramos um dever chamar a atenção para esse estado de espírito que era então causa rara; as idéias daqueles tempos, não eram as de hoje, nem mesmo as dos tempos próximos de nós.

Nesse período de perturbação e de terror em que tudo se agitava, em que ressoavam roncos subterrâneos anunciando um terremoto da sociedade assim como há tremores de terra, matar um adversário, um inimigo desarmado, no momento em que ele menos esperava, era considerado uma felicidade.

O homem desceu, pois, e Capestang arrastou-se até a trapeira, com o punhal entre os dentes. Reconheceu no pátio o fidalgo que tinha escoltado a carroça. Em roda dele havia quatro homens, cada um com uma lanterna na mão.

— Nas cocheiras?...

— Ninguém!

— Nos quartos?

— Nada!

— Nas aguas-furtadas?

— Nada!

— Na vizinhança?

— Ninguém!

— Bob! — prosseguiu o fidalgo, depois desse rápido interrogatório. — Acenda as velas na sala grande. Feche bem os postigos de modo que não se veja a luz. Que um dos senhores se coloque diante da porta e afique de sentinela. Os três outros, na rua, até a esquina da rua Tournon, para mostrar o caminho a monsenhor, que não deve tardar.

A estas palavras, o fidalgo foi para a estrada, sem dúvida par ir ele também ao encontro daquele que esperava.

Capestang apertou o braço de Cogolino como para lhe dar a ordem suprema, e deixou-se escorregar ao longo da escada até a galeria do primeiro andar. Ali, entrou num corredor e, voltando-se, viu Cogolino junto dele. Isso se passara em alguns segundos.

— Tens medo? — perguntou Capestang, muito baixo.  
— Ponha-me à prova! — disse Cogolino.

— E's tu homem para arriscar a tua vida? Previ-te de que seremos dois contra dez ou vinte, talvez. Se tens medo, val-te embora. Não quero ser deshonrado por um criado medroso. Se te sentes com forças para olhar para a morte de frente, segue-me...

— Segui-lo-ei! — disse Cogolino, com sublime indiferença.

Dissemos sublime, porque, na realidade, ele tinha medo e mandava para todos os diabos o cavalheiro que se metia no que não lhe competia e falava em combater dois contra vinte.

— Que é preciso fazer?

— Como eu — respondeu Capestang. — Se eu não me mexer, tu não te mexerás. Se eu atacar, atacarás. Se combater até a morte... Vem!

— Diabo! — resmungou Cogolino para si mesmo. — Que a febre o sufoco! (Mas ia seguindo Capestang passo a passo) Misericordia! Chegou a minha última hora!... Ele fala muito descansado... Combaterás até a morte!...

Capestang caminhava rapidamente, silencioso, como uma fera que, nas trevas da floresta, procura o lugar propício para espreitar.

Desceu a escada interior. Em baixo dessa escada, parou. Cogolino viu, então, que estavam na cozinha, onde, tantas vezes, tinha visto mestre Lureau, escravado por causa do calor dos seus fornos, comandar os seus bichos de cozinha na manobra das caçarolas.

— Por que não se trata também agora de uma batalha de panelas da qual sairia a vitória de um bom jantar? — pensou Cogolino, dando um profundo suspiro.

O cozinha, escura, estava separada da saia vivamente iluminada por uma porta envidraçada. Oito ou dez fidalgos ali estavam reunidos. Mas de segundo em segundo vinham chegando outros; em breve eram uns trinta; em breve a sala ficou cheia. Capestang notou nesse momento que um dos conspiradores pregava na parede do fundo uma pintura representando o escudo dos principes de Condé-Bourbon, com as flores de Lís e a lista atravessada. Quando esse conspirador voltou a cabeca, Capestang viu que era o fidalgo que tinha alugado por seis meses o albergue de mestre Lureau; tinha trepado sobre uma mesa comprida, junto da qual havia três cadeiras. Cogolino também olhava, e pensava:

— Que um só destes contrabandistas tenha a ousadia de entreabrir esta porta, e sou um homem morto. Ah! senhor cavalheiro — disse ele, num tom de censura — éis uma hora em que me devo chamar Laguigne.

Capestang voltou-se furiosamente, agarrou o desgraçado Cogolino pela garganta e encostou-o à parede:

— Como disseste que te chamas? — exclamou ele.

— Laguigne, senhor! — gemeu Cogolino.

Capestang apertou. Seus dedos enterraram-se-lhe na garganta.

— Como disseste que te chamas? Repete outra vez!?

— Lachance, senhor, Lachance!...

— Ainda bem — disse Capestang, largando-o. — E faze-me o favor de ficar com a cara conveniente a um homem que se chama Lachance. Porque se, por desgraça, percebo que és Laguigne, estrangulo-te de uma vez.

Cogolino pôs-se imediatamente a sorrir alegremente; mas o sorriso de alegria era tão lúgubre que Capestang não pôde deixar de rir.

— Vamos — disse ele — consola-te. Não sabes que se, porventura, fones destripado por um desses fidalgos, será uma grande honra para ti ser morto em companhia de um Tremazenc de Capestang?

— Ah! sim, é verdade — disse Cogolino. — Não tinha pensado na honra!

— Vês, pois!

E Capestang, sinceramente convencido de que tinha consolado o seu escudeiro do modo mais-feliz possível, voltou ao seu posto no momento em que dali logo

fidalgos, tendo trepado sobre a mesa do fundo, se sentavam nas cadeiras.

Um desses três era, pois, aquele que tinha alugado o albergue, que tinha mandado trazer os vestuários e as armas.

O segundo era um desconhecido para Capestang.

Quanto ao terceiro, ele o reconheceu por tê-lo visto no albergue da "Péga ladra", em Meudon.

— O príncipe de Condé — disse ele. — Ora, onde está, então o caro senhor de Guise?... E onde está o duque de Angoulême? Estarão esses senhores brincando de cabra-cega?

— Senhores — dizia, nesse momento, o príncipe de Condé — o senhor de Rohan vai explicar-nos o pé em que estamos e o que podemos empreender com esperança de sucesso.

Fez-se na sala um profundo silêncio.

O fidalgo, que era colocatário de mestre Lureau, levantou-se.

— Diabo! — disse Capestang a Cogolino. — E' seu colocatário de um Rohan... Meus cumprimentos.

— Caminho de honra em honra — disse Cogolino, dando um suspiro de angustia.

— Senhores — disse o duque de Rohan, com voz forte, visto não podermos mais contar com o duque de Angoulême. (Capestang estremeceu: "Ah! ah!" — pensava ele: — Terá o pai de Gisela renunciado às suas pretensões?...); visto sabermos muito bem que o senhor de Guise, faltando a fé jurada, está trabalhando secretamente e quer dispensar o nosso concurso, é justo e legítimo que nós trabalhemos do nosso lado.

— Sim, sim! — exclamou os conjurados, com uma só voz.

Só o príncipe de Condé permaneceu pálido e frio.

— Senhores — continuou Rohan — por que razão quererá o duque pôr-nos de lado? E' que ele é sempre Guise. E' que ele é bem o filho daquele que pôs o pé sobre o cadáver de Coligny. E' que como o seu pai, ele é chefe do partido católico; que todos nós, senhores, convertidos ou não, somos ainda huguenotes. Por mais que o nosso príncipe vá à missa; por mais que eu mesmo vá, e a maioria dos senhores, somos uns herejes!

— Sim, sim! — exclamaram os conjurados, com vozes furiosas.

— A questão que se debate, hoje, não é, pois, senão uma nova face da grande contenda que terminou com o dia de São Bartolomeu. Senhores, deixar-nos-emos despojar, arredados da vida pública, para talvez ainda sermos assassinados? Basta para isso que cruzemos os braços e deixemo agir o enhor de Guise, que antes de um mês será o que o seu pai sorhou scr: rei de França! E se Lorena reinar, senhores, desgraçados malditos herejes, convertidos ou não! As melroas transformar-se-ão em abutres para devorar-nos o coração. (1)

Um frêmito de raiva e de ódio percorreu a assembleia.

O discurso de Rohan não era senão a exata e forte expressão de uma situação que cada um deles bem conhecia.

Capestang viu as caras chamejantes, as mãos a procurarem as guardas das espadas, os olhos a cintilarem.

— Corbacque! — disse ele. — Estes homens estão dispostos a morrer até o último, se for preciso. Apesar do que dizem ou fazem, são uns bravos.

— Senhores — continuou Rohan — a luta entre Guise e Condé nunca cessou. Para acabar de uma vez, para unir os nossos esforços em vista da vitória

da fidalgaria sobre as pretensões exorbitantes da monarquia, partidários de Guise e partidários de Condé, ouviriam os conselhos do velho Cinq-Mars e adotaríam o duque de Angoulême como meio termo. Mas, visto Angoulême não ser mais possível. (Por que não será mais possível o pai de Gisela? — perguntou Capestang a si mesmo); visto ter-se assim partido a tregua entre Guise e Condé avante, pois Puxemos as espadas, como os nossos pais fizeram em Jarnac e em Montcontour! Sejamos os primeiros a atacar. Vencida Lorena, a França é nossa!

Um tumulto de entusiasmo provou ao criador que todos os conjurados não esperavam senão o momento de atacar.

E um grande grito ressoou, então, nessa assembleia, que parecia presa do delírio dos titãs reunidos para tomar de escalaia o Olimpo:

— Lista abaixo!... Lista abaixo!...

— Senhores — balbuciou o príncipe de Condé, lívido, levantando-se.

— Lista abaixo!... Lista abaixo!...

— Pois bem! — Sim! — urrou Rohan. — Lista abaixo!... Senhores, viva o rei!...

Ao mesmo tempo, tirou a pintura que tinha dependurado à parede e que representava os emblemas de Condé; virou o outro lado do quadro, pendurou-o no mesmo lugar, e viu-se então, que tinham os mesmos emblemas, "mas sem a lista".

A lista, que distinguiu o ramo do Condé do ramo real, não estava mais ali.

Era, pois, o escudo real! .

Estalaram os aplausos; as espadas saíram das suas bainhas e relampejaram; os braços armados levantaram-se alto como para um juramento ou uma ameaça; e as caras convulsinadas exprimiam a violência dos sentimentos que se desencadeavam nessas almas, ao passo que ressoavam um clamor com uma descarga de arcabuzes:

— Viva o rei!

— Ah! ah! — rosnou Capestang. — Viva o rei! Qual! não é mais Carlos X, isto é, Angoulême!... Não é mais Luiz XIII... Sim, mas eu sou o "cavaleiro do rei!" Atenção, Capestang! Está aqui a ocasião de fazer fortuna e conquistar Gisela!

Na sala se abebeceu-se a calma.

Rohan terminava:

— É preciso que esta noite o príncipe de Condé se decida. Quanto a mim, senhores, eu e meus amigos partiremos amanhã de Paris, se desta reunião não sair o raio que vai esfícar o trono do bearnez renegado que vendeu sua religião e seus irmãos por uma coroa, como outrora Esau vendeu o seu direito por um prato de lentilhas...

Todos os olhares convergiram para o príncipe de Condé, que, lívido, a testa coberta de suor frio, estava longe de mostrar a atitude de um pretendente resolvido a vencer ou a morrer.

— Senhores — disse ele — a sua causa é a minha. Nós tomamos, com o duque de Angoulême e o duque de Guise, disposições que foram anuladas pela traição de Concini. Se o nosso fiel amigo, duque de Rohan, no provar que há probabilidades de sucesso, estou pronto a arriscar minha vida...

Rohan sorriu. Inclinou-se diante do príncipe de Condé:

— Sire, disse ele...

Uma saliva de bravos saudou essa palavra.

E o próprio Condé sentiu uma chama de orgulho subir-lhe do coração à fronte.

— Sire — disse Rohan — eis quais são as disposições que tomei para assegurar o sucesso do ataque repentina, do qual depende a sua fortuna e a nossa. Amanhã, uns bandos vão percorrer a cidade, desde cedo, de manhã...

(Continua na pag. seguinte)

(1) Sabe-se que as melroas figuravam no brasão da casa de Lorena, cujo chefe atual era o duque de Guise.

transfigurado, esquecendo que estava só no fundo de uma cozinha de albergue abandonado, desafava todo o reino, e gritava:

— Capestang.

Mas ele era à propria sinceridade. E essa é a sua desculpa.

Dizemos que ele estava só na cozinha. E Cogolino? Iamos esquecer-lo. Cogolino, no momento em que o cavalheiro caiu a fundo, deu um grito dilacerante. Capestang ouviu a queda de um corpo no lagedo e, atirando a sua espada:

— Ah! maldito! Abito de gesticular que eu tenho! exclamou ele. — Mat! o meu pobre Cogolino!... Lachance, ou antes Laguigne, dize-me, meu amigo, foste gravemente ferido? Ah! que diabo de modos exagerados eu tenho! Vejamos, estás morto? Responde-me, ao menos, para que eu vá buscar um padre...

— Então o senhor não queria trucidar-me senhor cavalheiro? — disse a voz queixosa de Cogolino.

— Trucidar-te? E por que? Não, não! Se te feri, foi sem querer. Dize, queres que eu vá depressa ao convento dos Carmelitas, e que te traga um dos dignos frades?...

— Mas eu não preciso nem de frade nem de padre — disse Cogolino.

— Pagão! Queres morrer sem confissão?

— Ora, senhor, quem fala em morrer? Eu nem mesmo fui ferido. Cai porque o senhor me fez medo. É que o senhor não é de brincadeiras. Ainda sinto um arrepiar-me pela espinha dorsal.

— Bom! — disse Capestang. — Visto não teres morrido, acende uma vela, uma lanterna, seja o que for, porque temos que trabalhar.

E Capestang, sem querer confessar o seu alívio, respirou satisfeito, porque se tinha afeiçoado a Cogolino, e um segundo a idéia de ter causado uma morte, quanto involuntaria, o tinha feito tremer de horror.

Tendo, pois, Cogolino acendido uma lanterna, entraram ambos na sala grande onde, como já se viu, estavam empilhadas cincuenta roupas de guardas e as armas condizentes com as roupas.

O cavalheiro apanhou a um canto o molho de chaves que Rohan ali tinha deixado, não conservando senão a da porta da rua. Essas chaves tinham cada uma o seu letreiro.

Capestang encontrou, pois, facilmente a que procurava, isto é, a da adega. Então, começou a amontoar sobre o seu ombro gibões, jaquetas, perneiras, calções, tudo o que lhe caía debaixo da mão, e desceu à adega, onde pousou o seu fardo.

Cogolino tinha-o imitado.

Depois fez-se uma segunda viagem, e em seguida outras. Em duas horas toda essa pilha de equipamentos e de armamentos tinha sido levada para a adega, cuja solida porta Capestang fechou, dando duas voltas à chave.

— Que diabo de trabalho andamos fazendo? — perguntou então Cogolino.

— Pois não viste, imbecil? Nós aprisionamos uma companhia de guardas.

Depois disso Capestang subiu às aguas-furtadas, estendeu-se na sua cama de feno perfumada e pôs-se a pensar no dia seguinte. Acabou por adormecer dizendo muito baixo o nome de Gisela, como, outrora, os cavalheiros errantes, na véspera de um combate singular, invocavam a dama dos seus pensamentos.

Quando Capestang acordou, o sol entrava pela traipa e dava-lhe bom-dia.

— Eis chegado o grande momento — disse ele a si mesmo; — se hoje eu não executar a faraçha notável que deve fazer a minha fortuna, é que o filho do senhor de Tremazenc não é mais do que um tolo, um miserável mata-sete... Um Capitan, como eles dizem. Capitan! Ah! corbacque, eu...

Já ele se impacientava e o sangue lhe subia à cabeça, quando os seus olhos deram com Cogolino, que,

sobre uma cadeira virada, instalava os elementos de um substancial e suculento jantar frio. Diante disso Capestang percebeu que estava com uma fome canina, e imediatamente atacou o presunto.

— Senhor — perguntou Cogolino — será hoje que nos vamos alojar no "Ramo de Ouro", naquele hotel que é digno de um Tremazenc de Capestang? Parece-me que já fizemos bastante honra a estas aguas-furtadas.

— Tens razão, Lachance — disse Capestang. — Mas o "Ramo de Ouro" parece-me agora uma morada muito pobre. Esta noite, Cogolino, dormiremos no Louvre.

— No Louvre — exclamou Cogolino, inchado de orgulho. — Ah! na verdade...

— A menos que não durmamos na Bastilha ou no Templo, ou então em qualquer masmorra em que nos mande ativar o senhor príncipe de Condé.

— Diabo! Eu prefereria o "Ramo de Ouro", ou mesmo estas aguas-furtadas — disse Cogolino, fazendo uma careta.

— A menos que não sejamos postos no nosso caixão — terminou Capestang — a suprema hospedaria, a melhor, talvez.

Cogolino deixou cair a garrafa que tinha na mão e cujo gargalo se preparava para levar aos lábios. O orgulho cedeu lugar ao terror na alma do digno compadre; depois o terror cedeu também o seu lugar à resignação.

— Ah! senhor cavalheiro! — disse ele, com uma voz engasgada. — Então vamos combater?

— Cogolino — disse o cavalheiro, cortando um pedaço de empada, nós vamos impedir que Paris faça uma revolução...

— Nós dois?!

— Por que não? Eu só. Sansão destruiu o exército dos filisteus com uma queixada de burro. Que não farei eu com a minha espada, que vale tanto como uma queixada de burro, creio? Li outrora, em Tremazenc, nos livros da senhora minha mãe, que Rolando resistiu só contra um povo inteiro de mouros ou de turcos, não me lembro bem ao certo. Compreendes, Cogolino? Escamotear esse conspirador que está a morrer de medo, de resto, e que dizem ser sovina, forreta como ninguém, esse Condé que quer dar uma cambalhota ao meu pobre reizinho. Sustentar com o meu ombro um trono que vacila. Tomar a coroa real e gritar para a mantilha dos assaltantes: "Não toquem nisto!"

— Sim — disse Cogolino. — Seria magnífico, mas...

— Cala-te ou duvidarei da tua inteligência. Pela minha fé, só tenho pena desse Rohan, que me parece ser um bravo e digno fidalgo.

Com essas conversas e outras, o cavalheiro, excitando-se cada vez mais e Cogolino acabando por fazer a sua prece para o que desse e viesse, o tempo se passou. Por volta das três hora, Capestang deu ao seu escudeiro as suas últimas instruções.

Depois, postados nessas aguas-furtadas de onde o cavalheiro, segundo a sua convicção, não devia sair senão paracaminhar para a glória, esperaram o momento de agir. Capestang estava frio, o que, nele, era um sintoma terrível. Cogolino estava no seu vigésimo quinto Padre-nosso... Um homem entrou de repente no alberque depois, logo imediatamente, um outro...

Esses dois homens eram o duque de Rohan e o príncipe de Conde!

Rohan e Condé tinham entrado numa sala contígua à sala grande e que tinha servido de gabinete particular no tempo do esplendor do albergue.

— Duque — disse o príncipe, com uma certa majestade, perdoe-me ter, ontem, duvidado do senhor. Minha hesitação era muito natural. Pense que eu sou

(Continua na página seguinte)

## CAPITAN

(Continuação)

um Bourbon como o rei atual; somos primos, somos da mesma raça. Aterro-me ao pensar que a história possa dizer dos Bouibons o que já disse dos Valois: que tinham sido uma família de Atridas. Junto a essas considerações o peso das responsabilidades que ficarão ao meu cargo, e compreenderá o motivo da minha prudência. Não falemos mais nisso, duque! Jeitei a cartada. O senhor fez-me vir aqui antes dos nossos companheiros para que eu lhe dê as minhas ordens. Elas...

O príncipe de Condé interrompeu-se um instante pensativo.

Rohan esperava numa atitude respeitosa. As palavras do futuro rei, longe de ofendê-lo, tinham-no tranquilizado de todo.

Eis as minhas ordens, prosseguiu o príncipe. Mas, antes de tudo, diga-me o que quer para o senhor.

— Para mim, monsenhor? Nada!

— Dentro de duas horas, serei rei. Então ficarei cercado de solicitadores, de cortezões, todos de rastros nos meus pés, e que não levantariam a cabeça para mim sem nunca para pedir, pedir sem cessar. Todos os nossos companheiros já me disseram o que querem para si. Só o senhor, duque, recusa, quando lhe ofereço. Isso é orgulho. Eis, pois, a minha primeira ordem: quero saber o que o senhor deseja que eu faça para o senhor quando me tiver feito rei.

— Bem, monsenhor, tenho, com efeito, alguma causa a pedir-lhe! — disse Rohan, com firmeza.

— Ainda bem! — disse o príncipe, sorrindo.

— Monsenhor — prosseguiu Rohan, endireitando-se — peço a liberdade de consciencia para mim e todos os da religião. Peço que sejamos tratados do mesmo modo do que os senhores da missa. Se Guise vencesse, nós seríamos esmagados, nós, os huguenotes. Não lhe peço que esmague os nossos adversários. Mas que ao menos tenhamos o direito de levantar templos, de rezar em francês em vez de rezar em latim, e de arrancar o reino à tutela do papa.

— Em suma, o senhor pede-me que seja um rei huguenote! Isto sublevaria contra o meu trono Paris inteiro e três quartas partes do reino, isto é, seria deposto ao cabo de três meses de reinado por alguma revolução que me arrancaria a coroa e em que todos perderiam as suas vidas. Não, duque. No dia em que o rei de França não for mais o filho mais velho da igreja, não haverá mais realeza em França. Não se destrói com alguns decretos ou regulamentos o trabalho imenso que se edificou lentamente de séculos em séculos. Henrique Quarto aceitou a missa para reinar. A raposa velha sabia bem que este povo educado pela igreja considera a igreja como sua mãe. Se eu quiser reinar, devo ser o primeiro católico do reino. Eis o que faço pelos huguenotes: dou-lhes dez praças de segurança no território, um oitavo dos cargos de justiça, um quarto dos cargos militares, e acesso aos empregos na corte. E, creia-me, será preciso ainda fazer-se uma revolução para impor essas reformas.

— Sire — disse Rohan, cujo coração palpita de alegria — se o senhor cumprir essas promessas, parece que nos devemos contentar, porque implicam para nós no direito de viver e pensar livremente.

— Juro mantê-las pronunciou claramente o príncipe, sem responder às últimas palavras de Rohan. — Quanto ao senhor...

— Nada para mim, sire, nada! — exclamou Rohan, quasi com violência.

— Diga, então, que quer abandonar-me! Dou-lhe a capitania geral do Louvre com o posto e prerrogativas de marechal. Se o senhor aceitar, eu fico. Se o senhor recusar, eu parto!

— Aceito, sire! — murmurou Rohan, inclinando-se profundamente.

Depois, erguendo-se:

— Agora, sire, dé as suas ordens ao seu capitão general!

— Elas — disse o príncipe de Condé. — Vamos atacar o Louvre, e ali entraremos à frente de uma companhia. O senhor acompanhára o rei deposto a Vincennes. Mandará ocupar os diversos pontos estratégicos de Paris. Luynes e Ornano na Bastilha. Conconi no Templo...

— O trajeto é bem longo da rua Tournon até o Templo...

— Conto com isso! — disse Condé, sorrindo de um modo singular. — Oito homens bastarão para levá-lo prisioneiro, e se, em caminho, houver algum tumulto, se o povo quiser vingar-se um pouco... então... "verba gestaque populi, gesta veraque Dei!" (Voz do povo, voz de Deus).

— Bem, sire! — disse Rohan, que não pôde deixar de estremecer.

— Elas o mais urgente, prosseguiu Condé. — Agora, meu caro duque, se quiser, vamos para a sala grande, e vestir-nos-emos com as roupas de oficial da guarda, enquanto espera a que vai vestir amanhã. No Louvre dir-lhe-ei o resto. Os nossos amigos não tardarão a chegar.

— Ah! temos mais de meia hora — disse, alegremente, o duque, que, entretanto, se dirigia para a sala grande.

A entrada, olhou de relance em torno de si. E de repente empalideceu. Seus olhos desvairados investigaram os recantos da sala. Depoisolveu esse olhar cheio de espanto, de terror e de angústia para Condé e veio-lhe aos labios uma espécie de gemido.

— Então? — disse, vivamente, o príncipe. — As cincuenta roupas dos guardas!

— Estavam ali! — balbuciou Rohan.

— Os arcabuzes, as lanças, as pistolas!

— Nada! Mais nada! — urrou Rohan, dando um terrível grito de raiva, que fez enfim explosão na garganta.

Condé ficou lívido...

— Procuremos! — murmurou ele. — Procuremos! Talvez algum dos nossos os tenha levado para uma outra sala.

— Talvez, com efeito... — gaguejou Rohan, que vacilava. — As chaves de casa... Tinha-as atirado ali, todas juntas, naquele canto... Onde estão elas?... Traidos!... Monsenhor, fomos traídos!...

— Senhores — disse, nesse momento, uma voz. — Não tomem o trabalho de procurar; não as encontrarão, apesar de tudo o que diz o evangelho de São Lucas!

Os dois conspiradores, com o mesmo movimento fúrisso, levantaram a cabeça para cima da escada interior que, dos quartos do sobrado, dava na sala grande, e viram um homem descendo tranquilamente.

— Ah! — exclamou o príncipe. — Já vi este homem! Estou reconhecendo-o! Foi ele que esteve nas adegas do palácio de Angoulême para descobrir os nossos segredos!

— Lá e em outros lugares, monsenhor — disse o cavalheiro.

— Capestang! E' Capestang! — rugiu o príncipe.

— A senha do Louvre, monsenhor! — disse Capestang, pondo o pé no último degrau. Senhores, tenho a honra de saudá-los! — acrescentou ele, levantando o seu fletro.

— Ah! — urrou o duque de Rohan. — E' Capestang! E o Capitan! Pois bem! Capitan do diabo, será esta a tua última traição! Estás morto!...

Ao mesmo tempo, Rohan atacou o cavaleiro, de espada em punho, gritando:

— Desembainhe, monsenhor! Matemos! Matemos!... Deu um terrível grito de raiva; a sua espada acabava de escapar-lhe das mãos...

Capestang, depois de ter saudado, atirou o seu falso para longe, e, desembainhando a sua espada, postou-se em guarda, o braço direito quasi todo estendido, a mão esquerda na parede, dobrado sobre si mesmo...

— Senhor — disse ele, cruzando a sua espada com a do adversário e fazendo-a saltar — o senhor engana-se falando em traição. O senhor vai atacar o rei, o seu rei, senhor! Defendo-o como posso. Se eu tivesse revelado os segredos que descobri sem querer, os senhores estariam na Bastilha ou então as suas cabeças já teriam rolado sob o cutedo...

Rohan já tinha apanhado a sua espada e atirava-se de novo sobre o seu adversário.

Condé correu à porta por onde tinha acabado de entrar. Fechada!... Correu à porta da rua... Fechada!... Então sómente, louco de raiva e de furoz, ofegante de desespero diante desse obstáculo que lhe tolhia o caminho justamente no momento em que ia apoderar-se da coroa, desembainhou a espada, e, por sua vez, atacou Capestang...

Nesse mesmo instante, o duque de Rohan caía com o ombro atravessado de lado a lado, e Capestang voicerava:

— Cogolino! Onde estás, tratante, biltre, Laguigne! Não vês que monsenhor está à tua espera?... Arranco-te as orelhas!...

Cogolino apareceu.

Condé, vendo Rohan cair, tinha estacado.

— Monsenhor — disse Capestang — entregue-se!... O senhor não tem a força necessária para combater contra o Capitan!... (Condé deu um gemido de vergonha e postou-se em guarda). Não? Não quer entregar-se? (Condé caiu furioso sobre o cavaleiro, o qual se desviou com um violento golpe). Nesse caso, monsenhor, eu o aprisiono... Atenção (Ele cruzou a sua espada com a do príncipe). Desarmou-o! (A espada saltou no ar) e... o senhor está preso!

Ao mesmo tempo pôs-lhe a mão no ombro e a ponta da sua espada na garganta.

Condé teve um espasmo de revolta... A ponta da espada penetrou-lhe na carne, e Capestang, terrível, chamejante, disse, com uma frieza mais terrível do que a sua atitude:

— Olhe, senhor, não me force a matá-lo! Teria pesar!

Condé olhou para o moço com uns olhos cheios de mudas imprecações, e gaguejou:

— Sstá bem. Estou desarmado. Rendo-me!

— Cogolino! Fica de sentinela junto de monsenhor. Ao primeiro passo, ao primeiro gesto que ele fizer, mata-o!...

Cogolino, de punhal na mão, colocou-se junto do príncipe.

Condé baixou a cabeça. Seu peito dilatou-se. Deu um gemido atroz, semelhante à fera apanhada na armadilha, e um soluço velo-lhe a garganta.

Capestang embainhou a sua espada, foi apanhar o falso, que conservou na mão, e voltou para junto de Rohan.

O duque, nesse momento, abria os olhos, assustado; tentou ainda levantar-se; mas, quer pela fraqueza, quer por desânimo, tornou a cair, palpitante.

Capestang inclinou-se como se inclinavam os nobres valorosos diante do inimigo vencido.

— Senhor — disse ele — fui eu quem destruiu as cincuenta roupas de guardas que o senhor tinha empilhado aqui. Fui eu quem destruiu as armas. Feri-o.

Prendo-o, senhor de Condé. Espero assim poder salvar o pequeno Luiz XIII. Que quer? O senhor combate em favor de Condé. Outros combatem por Guise. Outros por Angoulême. Se eu não seguisse senão o meu interesse, talvez estivesse do seu lado. Talvez um dia o senhor saiba que neste momento estou trabalhando, não só contra os seus interesses, mas também contra os do meu coração. Vi o pobre reizinho de quinze anos tão só contra tantos e implacáveis inimigos; vi-o, digo, lá dentro do seu Louvre, como uma presa tão fraca, incapaz de resistir e de defender-se; vi-o chorar, e comovi-me. Fiquei cheio de compaixão, senhor. Resolvi defender o reizinho. Os senhores são milhares; eu sou só. Os senhores tão poderosamente ricos; eu sou pobre. Não tenho amigos nem companheiros. Els a minha história, senhor. Vê que não cometi traição alguma. Se o rei fosse poderoso, e o senhor fraco e pobre, eu estaria do seu lado contra o rei. Na realidade, vê, pouco me importa quem reine. Mas não quero que o meu Luizinho dê o terceiro choro. E, de resto, ele me salvou a vida. E depois, monsenhor, quando ele quer dar uma senha nas horas trágicas da sua vida, é o meu nome que ele escolhe. Eu sou o seu escudo. Senhor, eu sou o "Cavaleiro do Rei". Dou-lhe estas explicações, porque o senhor me agrada. A sua ferida não é mortal. Dentro de um mês não terá mais nada. Então, senhor duque, se lhe aprovare tirar a sua desforra, será para mim uma honra e estarei à sua disposição. Entretanto, saúdo-o de todo o meu coração, primeiro, porque é um vencido, e depois, porque o senhor é um bravo... Adeus... Cogolino, abre a porta!

Depois disso, cobri a cabeça com o seu falso, e dirigi-me a Condé, tomou-o pelo braço e conduziu-o para fora, acompanhado por Cogolino, e pôs-se a caminhar na rua Vaugirard dando as costas para a rua Tournon no momento em que uns quinze fidalgos bravam a esquina; era tempo.

Capestang entrou na rua Pont-de-fer, que dava na encruzilhada do Vieux-Colombier.

Ao longe, ouviam-se surdos rumores, semelhantes às ressacas do Oceano nas noites de tempestade. Ra-jadas de rumores subiam do fundo de Paris. Os sinos tocavam rebate.

Esses ruidos de tumulto fizeram estremecer Condé. Capestang entreabriu a sua capa e mostrou-lhe uma pistola.

— Monsenhor — disse ele — nós vamos acotear-vos com os seus partidários; ser-lhe-á fácil chamar socorro, e eu sarei morto. Mas dou-lhe minha palavra de honra de que, ao primeiro grito, imediatamente o mata com esta pistola que é um empréstimo que fiz às armas que o senhor depositou no albergue; será um consolo para o senhor.

— Está bem, senhor — disse Condé, com uma voz soturna e desesperada; — entreguei-me, calar-me-ei. Uma palavra sómente: para onde me leva?

— Ao Louvre! — respondeu Capestang. — Não tenha medo: "respondo pelo senhor"! — acrescentou ele, com suprema confiança.

Depois disso, Condé não disse mais palavra. Estava acabrunhado. Sentia a cabeça vazia e o coração fraco. Seguramente, se algum meio de recobrar a liberdade se lhe oferecesse nesse momento, ele seria incapaz de aproveitar-se. Causa singular: Henrique II, de Bourbon, príncipe de Condé, neto desse Luiz I que tinha sido o leão das guerras de religião, filho de Henrique I, que, durante os horrores da Saint-Barthélemy, deu o exemplo da suprema bravura — esse homem, pois, que foi o pai de Luiz II de Bourbons, que a história apelidou de "Grande Condé", esse homem, que era de uma raça de titãs de coração de aço e que era raiz de uma família de heróis; esse homem tremeu toda a sua vida e não mostrou ardor ou coragem se-

(Continua na pag. seguinte)

## C A P I T A N

(Continuação)

não para extorquir dinheiro do ramo reinante. Na época desta narração ele já tinha recebido seis milhões no espaço de seis anos. E é preciso dizer que no valor intrínseco, e sobretudo no valor relativo, um milhão dessa época representava três da nossa.

Nessa tarde de 1º de setembro de 1616, em que o mínimo gesto de energia lhe teria dado a coroa, Henrique II de Bourbon, príncipe de Condé, foi o príncipe do medo; e foi o terror que reinou nessa alma de avarento.

Capestang segurou-o solidamente pelo braço. Desceram para o lado de onde vinham os rumores que ressoavam com grande estrondo, era surdamente ameaçadores, para a ofensiva da revolução, para Paris.

Desde a encruzilhada do Vieux-Colombier eles entraram no meio da multidão. Bandos de burgueses armados encaminhavam-se para o centro, gritando: "Viva o senhor príncipe!" É verdade que, imediatamente depois, acrescentaram: "Viva a missa!", como se quisessem prevenir o huguenote mal convertido que adotavam para rei.

Esses bandos pareciam perfeitamente organizados. Os burgueses gritavam também para os transeuntes, para incitá-los: "Os guardas estão conosco! Vão ver uma companhia de guerra marchar conosco!"

Condé estremecia; Capestang sofría: eles sabiam o que era feito da companhia de guardas!

Mas, no momento em que o cavalheiro penetrava na rua do Four, o sorriso cessou nos seus lábios. Até então ele não tinha visto senão a revolução política: dignos e desajeitados burgueses, todos tolhidos com as suas parizianas reluzentes, homens que clamavam: "Abaixo o rei!", e ao mesmo tempo: "Viva o rei!". Em suma, negociantes que queriam mudar de senhor sem saber por que. E ali, nessa rua estreita, teve uma visão do inferno. Uma massa de povo de onde partiam urros terríveis. Caras convulsas cheias de odios e de esperança. Olhos fulgurantes. Rostos de miseráveis. Homens, mulheres, eriçangas, velhos, andrajosos, descalços, com terríveis cataduras, atrevidas e sofredoras, fisionomias que faziam chorar de pena e assustavam, uma torrente humana transbordada não se sabia de onde, que se tinha reunido não se sabia como e que corria sem saber para onde, como correm e se precipitam as torrentes, com o estrondo do trovão. E desse bando desordenado, delirante, impelido para a frente pelas profundas esperanças e mais profundas dores, desse bando armado com paus, velhas lanças, pistolas inutilizadas, dessa vaga de homens que levantavam para o céu os seus olhos chamejantes e mostravam os punhos ameaçadores para um inimigo ausente, saía um clamor feroz, um longo grito de angústia, um urro de ódio... E isso era realmente a sedição vindia das entranhas de Paris, era tudo o que chorava, sofría, se lamentava nos baixios da cidade dourada, tudo o que era esmagado pelo luxo e pela insolência dos grandes e que, num fugitivo momento, levantava a cabeça. Isso passava como vagas monstruosas, passava deixando um longo rastilho de terror, um surdo frêmito de pavor como se, à passagem dessa tromba, Paris pudesse entrever no longínquo futuro dos séculos a tempestade da Revolução... E essa besta da Apocalipse que se arremessava através das ruas gritava cousas estranhas:

— Pão ou a morte!...  
— Morte aos esfomeadores!...  
— Vejam a miséria do povo!...  
— Abaixo os impostos!... Abaixo o rei! Abaixo os senhores!  
— Morte aos opressores!... Morte aos esmagadores! Morte! Morte!...

Nesse dia, Paris queria brincar de revolução. Paris que queria um novo rei, Paris que se queria divertir com uma nova Saint-Barthélémy. Paris tremeu até nas suas entranhas. Viram-se esses bandos desempenhados em toda parte. A' rua Saint-Martin as janelas foram saqueadas. Saqueado o antigo palácio d'Or. Ameaçada um instante a Bastilha. Concini tremeu dentro do seu palácio erguido de arcabuzes. Leonor Galigot tremeu. Richelieu tremeu. Os senhores, os grandes — tudo tremeu... Era, desde muito tempo, a primeira vez que a revolta e a miséria tomavam a palavra.

Transformado, pálido, os olhos arregalados, Capestang viu passar a torrente. E depois que ela passou, ficou muito tempo pensativo, sentindo no íntimo do seu ser um arrepião de terror como nunca sentira, e no fundo do seu cérebro pensamentos que o assustavam.

Isto durou alguns minutos. Depois, sacudindo a cabeça, prosseguiu no seu caminho e arrastando Condé:

— Viva monsenhor?...  
— Vi, sim! — balbuciou Condé, batendo o queixo.  
— E que quer essa gente? Sabé, monsenhor?  
— Tudo! — respondeu Condé, surdamente.

Alguns minutos depois eles desembocavam na rua Dauphine, no fim da rua, diante do Pont-Neuf. Ali havia uma barreira de burgueses armados com arcabuzes a gritarem:

— E' a hora! A companhia dos guardas vai chegar!  
— Nós vamos marchar contra o Louvre!  
— Viva o senhor príncipe! Viva Condé!...

Capestang adiantou-se para a ponte, pensando que passaria sem dificuldade.

— Alto lá! Quem passa?... — clamaram os burgueses.

— Maldição! — exclamou Capestang, tentando recuar.

— Alto! — vociferou os burgueses. — Alto e respondam. Quem vem lá?...

— Condé! — urrou Capestang.

A palavra saiu espontaneamente dos seus lábios contorcidos. Foi como que uma idéia súbita como o relâmpago que iluminou a situação.

A palavra trovejou na sua cabeça e fez explosão sem que ele a procurasse. Ao mesmo tempo, Capestang apertava o braço do príncipe, e, com um gesto rápido, mostrava-lhe a pistola! Ao mesmo tempo marchava para os burgueses, arrastando Condé estupefacto, vacilante, incapaz de fazer um gesto!... Ao mesmo tempo a barreira dos burgueses abria-se! Eles gritaram:

— Passem, bravos fidalgos! Viva Condé!...

E, de repente, entre eles, houve um tumulto; depois ressoaram clamores, depois empurrões para ver melhor, e, afinal, um longo urro de triunfo:

— O príncipe! E' o príncipe! Viva o príncipe! Viva Condé!...

— Ao Louvre! Ao Louvre! Viva o príncipe! Condé!...

Um burguês tinha reconhecido Condé! Depois dezoito! E agora essa multidão armada perfilava-se atrás de Capestang, que caminhava a passos largos e que, inclinando-se para o príncipe murmurava:

— Monsenhor, se quiser, deixamos aqui, ambos, a nossa pele! Mas o senhor primeiro! Obedeça, monsenhor, ou mato-o como um cão. Grite: "Meus amigos, ao Louvre"!...

— Meus amigos! Meus amigos! — gritou Condé.

— Ao Louvre!...

— Ao Louvre! Ao Louvre! — repetiu a voz furiosa e estrondosa da sedição.

(Continua no próximo número)

## GUERRA SISTEMATICA AO REUMATISMO, NA ALEMANHA

O reumatismo continua a ser uma das moléstias mais divulgadas no mundo. No reumatismo, como no cancro, o diagnóstico oportunamente da doença é tão importante como difícil. A Alemanha resolveu combater sistematicamente o reumatismo com todos os meios da ciência e da sua organização, fundando na Saxônia um instituto central, que se ocupa exclusivamente do assunto. Os seus métodos baseiam-se, de princípio, no diagnóstico da moléstia. Para este efeito foram instalados postos de observação permanente nos institutos universitários e nos grandes hospitais. Os pacientes suspeitos de reumatismo são enviados pelos médicos a esses postos, que se encarregam de examinar e observar o processo da

doença e que procedem também aos primeiros tratamentos, extraíndo dentes supurados e amigdalas inflamadas que representam indiscutivelmente um papel importante no aparecimento do reumatismo. De acordo com as necessidades do caso, os referidos postos enviam os pacientes para

as clínicas ou para as estâncias termais.

Um dos mais importantes fatores de êxito da nova organização criada na Saxônia consiste num dúvida, em que nela se acham representados todos os ramos da medicina. Médicos, dentistas, especialistas de doenças maxilares e de mo-

lestins da garganta, da nariz e dos ouvidos, e ainda médicos de doenças internas, cirurgiões e anatoministas são chamados para exames e observações em comum. Espera-se organizar assim a ofensiva concentrada contra um dos maiores flagelos da humanidade.

NOS últimos anos, as matérias sintéticas conseguidas pelo processo da polymerização grangearam uma importância considerável grande no âmbito dos aparelhos químicos. Trata-se aqui, em primeira linha, do «Vinidur» e do «Oppanol», matérias obtidas de matérias primas exclusivamente alemãs. «Vinidur» é encontrado no comércio em forma de blocos, chapas, folhas, tubos e barras. Ambas as matérias servem principalmente para o revestimento de recipientes, etc., bem como para isolamento altamente qualitativo de águas subterrâneas. Praticamente, são resistentes contra todos os ácidos, alcalis e soluções salinas de origem

### PROTEÇÃO CONTRA A CORROSÃO POR MEIO DE MATERIAS SINTÉTICAS

inorgânicas (mineral), e em parte, também, encontrando-se estas em estado de alta concentração. O mesmo vale também para muitas matérias orgânicas. Sob a ação do calor, deixam-se deformar quanto se quiser. Seu peso específico é reduzido. Eleva-se entre 1,0 e 1,4, de forma que estas matérias são excepcionalmente adequadas para construções livres. As propriedades de resistência dependem da temperatura a que são submetidas. Temperaturas de até 40 graus são para o «Vinidur» quasi que

de importância nula. «Oppanol» pode ser aplicado sob temperaturas ascendentes até 100 graus e às vezes até 130 graus. Ambas as matérias deixam-se soldar. Como chama, prestava-se uma corrente de ar quente de 250 graus e o arame «Vinidur» é utilizado como arame para solda. Para calcular-se o âmbito da aplicação de ambas as matérias, é característico que, por exemplo, uma das maiores fábricas da indústria química na Alemanha gaste mensalmente 50 toneladas da matéria acima, economizando assim 250 até 300 toneladas de outras matérias muito valiosas e vastamente aproveitáveis em outros setores da química ou indústria.

### PREÇOS DAS ASSINATURAS:

#### EM TODO O BRASIL: (Porto simples)

Anno.... (52 ns.) ....	48\$000
Semestre (26 *) ....	25\$000
(Registrada)	

Anno.... (52 ns.) ....	70\$000
Semestre (26 *) ....	36\$000

#### PARA O ESTRANGEIRO:

##### (Porto simples)

Anno.... (52 ns.) ....	78\$000
Semestre (26 *) ....	40\$000
(Registrada)	

Anno.... (52 ns.) ....	115\$000
Semestre (26 *) ....	60\$000

As assinaturas terminam e começam em qualquer mês.

### FON - FON

Revista Semanal Ilustrada

EMPRESA FON-FON & SELETA S.A.

Diretor: SERGIO SILVA

Direção, Redação e Oficinas:

62, RUA DA ASSEMBLÉIA, 62

Telefones: Administração: 22-4136

Diretor: 22-0377 — Caixa Postal: 97

Endereço teleg.: FON-FON

Rio de Janeiro •

SUCURSAL EM SÃO PAULO

Diretor: WERTHER FARINELLO

Rua São Bento, 220 — 3.º and.

Tel. 2-1512 — Caixa Postal, 386

Toda a correspondência deve ser dirigida à

EMPRESA

FON-FON & SELETA S.A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Garçon & Levindrey  
Rue Trouchet, 9 — France  
— Paris VIII. Ludgate Hill.  
Londres.

Venda avulsa ..... 15000

Número atraçado ..... 15500

CIA. SOUZA CRUZ



CIGARROS

Astoria

CIA. SOUZA CRUZ  
RIO DE JANEIRO

Astoria

PREÇO NO VAREJO \$ 900

ASTORIA

epocha